



Universidade de Brasília – UnB

Departamento de Sociologia – SOL

Júlia Gasparetto Camargo Soares de Azevedo

Sarar a Terra:

Caminhadas de “ex-bandidos” na Sede da Sara Nossa Terra

Brasília

Agosto, 2018

Júlia Gasparetto Camargo Soares de Azevedo

Sarar a Terra:

Caminhadas de “ex-bandidos” na Sede da Sara Nossa Terra

**Trabalho de monografia apresentado ao
Departamento de Sociologia da Universidade de
Brasília para a obtenção do título de Bacharel em
Sociologia.**

Orientador: Prof^ª. Dr. Haydée Glória Cruz Caruso

Brasília, Agosto de 2018

Júlia Gasparetto Camargo Soares de Azevedo

Sarar a Terra:

Caminhadas de “ex-bandidos” na Sede da Sara Nossa Terra

**Trabalho de monografia apresentado ao
Departamento de Sociologia da Universidade de
Brasília para a obtenção do título de Bacharel em
Sociologia.**

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr. Haydée Glória Cruz Caruso (orientadora) Universidade de Brasília

Prof^a. Dr. Christina Vital da Cunha (avaliadora) Universidade Federal Fluminense

Brasília, Agosto de 2018

Agradecimentos

A Lia e José Carlos, por me acompanharem enquanto mãe e pai.

Ao Felipe, pelo companheirismo de tanto tempo, por me dar forças e compartilhar da vida comigo.

A Haydée Caruso, pela orientação nessa jornada, carinho e paciência. A Gabriela Costa e ao Yacine Guellati pelos toques e dicas em tantas reuniões e encontros.

À minha família e aos meus amigos, que abarcam tantas pessoas que me ajudaram a seguir por essa caminhada.

Àqueles de um lugar especial na Universidade, o PET-SOL. Aos tutores Fabrício Monteiro, Stefan Klein, Tiago Duarte, Sayonara Leal. E, principalmente, aos que me ensinaram tanto, Danilo Farias, Bruna Xavier, Antônio Barboni, Larissa Vieira, César Aspiazu, Sofia Tochetto, Lucas Aroucha, Wanderson Barbosa, Ana Carla Dias.

A Marina e Fernanda, que me acompanham de forma tão especial há tanto tempo, dentro e fora da UnB.

A Lúcia, que desde que me conheço enquanto gente me serve de inspiração.

Ao Pivetta, Laércio, Rafaela e Ana Paula, dentre muitos envolvidos, que me ajudam há 12 anos a levar uma vida mais normal quanto possível.

Ao movimento estudantil, especialmente a UJS, onde pude vivenciar tanta coisa e aprender muito.

Finalmente, aos meus entrevistados e interlocutores do Sara Nossa Terra, sem os quais o presente trabalho não seria possível e nem faria sentido.

É só relaxar
É só se entregar
Não se preocupar
É bom pra pensar em nada, em nada
Deixar pra amanhã
Deixar pra depois
É bom se lembrar de respirar de novo, de novo
(Noturna – Silva)

Resumo

O presente trabalho procura trazer uma contribuição aos estudos sobre a categoria “bandido”, tendo como base a conversão religiosa neopentecostal como caminho para o abandono do rótulo fruto da sujeição criminal. Com foco na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, no Sudoeste-DF, foram feitas observações participantes e duas entrevistas para tentar compreender as experiências de dois interlocutores que são identificados pela comunidade como ‘ex-bandidos’. Através da compreensão da trajetória de vida de dois, com histórias que os aproximam e distanciam, foi possível levantar elementos que ajudem na compreensão do que é “ser bandido”, e de que forma essas biografias são utilizadas dentro da igreja para o engajamento de novos fiéis.

Palavras-Chave: bandido, conversão religiosa, Sara Nossa Terra, violência.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 – Quem são e onde estão(ou).....	9
1.1 - Sobre neopentecostais.....	9
1.2 - Passagens de estágios e bandidos.....	11
1.3 - Entradas no campo.....	15
Capítulo 2 – Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.....	17
2.1 - História da Igreja Sara Nossa Terra.....	17
2.2 - A estrutura da Sede da Sara Nossa Terra.....	18
2.3 - A caminhada na igreja.....	20
Capítulo 3 –As trajetórias: de bandidos a convertidos.....	27
3.1 Os meus interlocutores e nosso contato.....	27
3.2 A vida antes da igreja.....	29
3.3 O processo de conversão.....	37
Conclusão.....	46
Bibliografia.....	48
Anexos.....	50

Introdução

As inquietações iniciais que motivaram esse trabalho surgiram na disciplina ministrada pela Profª Haydée Caruso, “Etnografias em Segurança Pública”, ainda em 2016. A partir de uma bibliografia composta somente por pesquisadores brasileiros, tendo como base trabalhos empíricos, as questões e ideias sobre quem são esses “bandidos” (Misse, 1999) e das múltiplas interlocuções dos estudos de Violência e Segurança Pública com a temática da religião foram surgindo. Quais são as barreiras, passagens e os diálogos entre mundos aparentemente tão apartados que dialogam foram questões que começaram a me motivar, onde destaco a pesquisa da Elizabete Albernaz (2009), em que autora aborda as éticas e fronteiras da moral religiosa e profissional de policiais militares e evangélicos cariocas. Esse foi o caminho que me propus a trilhar, mas voltando meu olhar para aqueles que vivenciam o “mundo do crime” como seu mundo.

Para compreender as possibilidades de diálogo entre o “mundo do crime” com conversões religiosas, início o presente trabalho tentando compreender o movimento pentecostal brasileiro, uma vez que meus interlocutores trilharam o caminho para esse lugar. É no Capítulo 1.1 onde procuro compreender crescimento de movimentos Pentecostais, particularmente os (auto)denominados “neopentecostais” no Brasil, mas também ao redor do mundo, a partir dos anos 1970. Nesse contexto de crescimento no número de fiéis e de Igrejas por todos os estados brasileiros, há um discurso no sentido de mudança intensa de vida, de transformação em vida de quem se é a partir dessa aproximação de fé, que se aproximam dessa esperança na “mudança de vida” dos sujeitos que buscam uma mudança intensa em suas vidas.

O passo seguinte é tentar compreender, baseando-me nos trabalhos de Michel Misse (2010), o que seria a sujeição criminal e quem seriam os “bandidos”. Busquei entender como sujeitos que experienciam essa vivência em diversas esferas das suas vidas, de forma que a representação de “bandido” esteja marcada de tal forma na noção que os outros tem dessa pessoa (e que ela tem de si mesma), que é um estigma (quase) impossível de se livrar. Os motivos que levam a essa dificuldade, as possíveis mudanças de experiência a depender do contexto de moradia e como a religião aparece como intermediária nessa passagem de estágios saltaram como questões motivadoras. Para entender como se forma essa noção do “bandido”, trago no Capítulo 1.2 essa discussão tendo por base os trabalhos de Misse, juntamente com autores que auxiliem a

compreender o que é essa “passagem”. O interesse é, porém, na passagem de “bandido” para uma categoria específica, em um contexto específico, uma conversão religiosa.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou sujeitos que se converteram a religiões neopentecostais, e especificamente que hoje pertencem à Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Todo o meu campo foi realizado na Sede da Sara Nossa Terra¹, onde os dados foram colhidos com a ajuda imprescindível de Lucas², que me abriu as portas e me acompanhou na igreja. No Capítulo 2 a igreja é apresentada, assim como o que presenciei e onde me inseri na igreja, acompanhando cultos, células³ e demais atividades.

Por meio da inserção na Sara Nossa Terra, pude conhecer dois rapazes identificados pelos membros da igreja como “ex-bandidos”, hoje convertidos. O Capítulo 3 é dedicado a história de vida dos dois, onde procuro compreender a trajetória de cada na sua vida antes e depois da entrada na igreja, onde discuto quais são as aproximações e distanciamentos da vida dos dois e como eles ajudam a compreender o que é encarado como “bandido” dentro da comunidade da Sara Nossa Terra.

Através da articulação das temáticas de violência e religião se desenha a presente pesquisa, mas é importante que se ressalte que esse é um trabalho no campo da Sociologia da Violência e Segurança Pública, e não é um trabalho no campo da Sociologia da Religião. Entrei em contato com as leituras e produções da área de forma a dar suporte para compreender o universo da igreja na qual fiz meu campo, e para compreender qual o novo lugar que meus interlocutores habitam. Desse modo, a Sara Nossa Terra e os estudos sobre a área de religião se tornaram os meios auxiliares pelos quais pude compreender melhor as transições da biografia dos meus interlocutores, e não a essência do presente trabalho.

¹ A primeira igreja, operando hoje com os cultos e como referência para as demais unidades espalhadas pelo Brasil e para os demais países onde a Comunidade está presente. Mais detalhes no Capítulo 2.

² Todos os nomes de interlocutores utilizados são fictícios

³ Pequenos grupos dentro da estrutura da S.N.T., articulados. Mais detalhes no Capítulo 2.

Capítulo 1- Quem são e onde estão

1.1 - Sobre neopentecostais

Os evangélicos vêm crescendo numericamente e em abrangência no Brasil. De acordo com o Censo realizado em 2000, os evangélicos (abrangidos pelo IBGE os evangélicos de missão e evangélicos pentecostais) eram 26,2 milhões dos brasileiros, enquanto em 2010 atingiram o número de 42,3 milhões (Mariano, 2013). No mesmo período, o catolicismo, religião historicamente dominante no Brasil sofria uma retração de 1,3% de seus fiéis. Tal crescimento, mais expressivo a partir dos anos 1990, ecoou nos ambientes acadêmicos e intelectuais com mais produções, sendo indicado por autores como Giumbelli (2001) como o mais significativo fenômeno religioso brasileiro, apesar de continuar minoria em número de adeptos. Dessa forma, chama a atenção não só dos círculos acadêmicos, mas como da própria Igreja Católica no Brasil, que a partir da década de 1980 já passa a expressar a sua preocupação com o crescimento dos evangélicos

Tabela 1 : Número Absoluto de Católicos e Evangélicos no Brasil: 1991-2010

ANOS	CATÓLICOS	EVANGÉLICOS
1991	121 812 771	13 157 383
2000	124 980 132	26 184 941
2010	123 280 172	42 275 440

Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1991, 2000 e 2010.

Juntamente com o crescimento da categoria religiosa, surgiram esforços para compreendê-los, uma vez que são múltiplas as acepções e denominações que estão sob o guarda-chuva evangélico, ou “crente” como são referidos popularmente e, geralmente, de forma depreciativa. Como ressalta Giumbelli (2001), as pesquisas sobre iniciativas religiosas foram marcadas, principalmente antes dos anos 1990, por um duplo pertencimento (científico e religioso), como base para esses estudos. Não sendo de qualquer forma descartáveis os estudos anteriores, Freston (1994) foi um pioneiro na maneira de categorizar o pentecostalismo em três diferentes ondas para melhor compreendê-los.

A primeira onda pentecostal, descrito por Mariano (2004), se inicia na década de 1910, marcada por fortes marcas “anticatólicas”, de rejeição do mundo como base para a salvação diante do retorno

de Cristo, possui o batismo no Espírito Santo e já traz o dom das línguas⁴, em suas características. Exemplos de igrejas que a compõe são a Congregação Cristã, primeira Igreja pentecostal a ser fundada no Brasil, em São Paulo, por um italiano, e que demonstrou sua força até a década de 1940; também a Assembleia de Deus no Pará, fundada por dois suecos, marcou-se por se expandir pelo território brasileiro atingindo as camadas populares, motivada por uma simplicidade como objetivo e não ascensão, juntamente com o fato de ser uma igreja brasileira, não uma sede enviada de uma igreja estrangeira.

A segunda onda é marcada pela busca da cura divina de enfermidades baseada na “libertação espiritual de forças malignas”, “unção de óleo” e se volta para as classes mais baixas como seu público-alvo, e tem seu início nos anos 1950. Após a primeira onda, com o já observado crescimento do pentecostalismo reflete em rupturas e no surgimento de novas igrejas. Tendo surgido entre 1952 e 1962, estão a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, e finalmente a primeira igreja a ser fundada por um brasileiro, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, que já se mobilizava na figura de um líder. Com técnicas modernas (Freston, 1994), como de divulgação pelo rádio (apesar da televisão ser proibida), a segunda onda do pentecostalismo continuava em um crescente de público e fiéis.

A terceira onda (Mariano, 2004) se centra na temática da batalha espiritual, associando-se ao avivamento a partir dos anos 1960. Juntamente com a crise católica, crescimento da rede urbana e das redes de comunicação, emergiu em um cenário próprio, diferenciando-se das ondas anteriores. Essa onda estaria marcada pela renovação das principais doutrinas do pentecostalismo, não abandonando as bases construídas até ali, mas a ênfase passa a ser a libertação da miséria juntamente com a opressão demoníaca. Ari Oro (2001) ressalta essas principais características, apesar da dificuldade em sua conceituação:

"ênfase na realização de milagres, exclusividade nos serviços e meios de salvação com pouca abertura interdenominacional; ênfase na realização de milagres mediatizados pelas igrejas com testemunhos públicos dos mesmos; ênfase em rituais emocionais e, sobretudo, em rituais de cura, associados a uma representação, demoníaca dos males; uso intenso dos meios de comunicação de massa: impressos, radiofônicos, televisivos e informatizados; combinação de religião com marketing, dinheiro e, em alguns casos, política; sensibilidade para captar os desejos dos fiéis oriundos não somente das baixas camadas sociais; projeto de constante expansão, em alguns casos para além das fronteiras nacionais (Oro, 2001:73)"

⁴ Também conhecido como Glossalalia “Fenômeno extático, também chamado dom das línguas, em que o indivíduo emite uma série de sons ou palavras cujo sentido os ouvintes não podem compreender sem o concurso de outro indivíduo que possua o dom da interpretação” (Houaiss, 2001).

O principal expoente dessa terceira onda, é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada em 1977. Ela segue como “modelo” -se aliando a meios eletrônicos para sua divulgação e com exigências ‘simples’, com base na prática, para a formação de novos pastores (Mariano, 2004)- para uma multiplicidade de igrejas de diferentes denominações que surgiam a partir dessa época, tomando espaço em meio a uma significativa recuada católica e fazendo frente as crenças de matriz africana, além de quebrar a dependência com a palavra “protestante”.

Nesse distanciamento, passou a utilizar “neopentecostal”. O termo “neopentecostalismo” surgiu na tentativa de dar conta do novo e complexo fenômeno da terceira onda (Giumbelli, 2001). Essa terminologia avança para além dos ambientes de pesquisa, está também no cotidiano católico, em suas cartilhas, nas reportagens da grande imprensa e, sobretudo, em pronunciamentos de lideranças evangélicas.

Essas igrejas neopentecostais, caracterizadas por um “pentecostalismo de cura divina” se contraporia, portanto, àquelas com uma formação mais tradicional advindas das ondas anteriores. Passa a haver então uma divisão bem marcada entre o “pentecostalismo clássico”, de igrejas como a Assembleia de Deus e Brasil para Cristo- que se aproximam dos batistas- e da Congregação Cristão do Brasil – aproximando-se dos presbiterianos-, e Igreja do Evangelho Quadrangular- próxima aos metodistas da IURD, pertencente a esse “pentecostalismo da cura divina”. A partir dessa quebra do critério genealógico (Giumbelli, 2001), começa a haver uma multiplicidade de empreendimentos locais com lideranças individuais, que possuem um corpo de fiéis variáveis e itinerantes, sendo descritos pelo autor como um fenômeno que se aproximaria mais a um “movimento”, pela eliminação de validade de qualquer critério genealógico, do que a uma igreja. A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, local onde a presente pesquisa foi realizada, se insere nessa terceira onda e é discutida no próximo capítulo.

1.2 - Passagens de estágios e bandidos

As sociedades são feitas com rupturas, secções, grupos. Van Gennep (1978), por exemplo, sustenta que todas elas possuem outras sociedades especiais em seu interior. Segundo o autor, nas sociedades modernas estaria pouco nítido a separação entre sociedade leiga e sociedade religiosa, entre o profano e o sagrado. Para que se fizesse uma passagem de uma para outra, separadas por bases

essenciais, é preciso satisfazer determinadas condições, que resultam em uma necessidade de executar cerimônias. Tal necessidade seria fruto de uma incompatibilidade entre os dois mundos, sagrado e profano, de tal maneira que uma passagem deve obedecer a um estágio intermediário.

Essas etapas de uma passagem entre o sagrado e o profano se contextualizam em uma sucessão de etapas que é a própria vida individual. O nascimento, a puberdade social, a formatura, o casamento são todos relacionados com cerimônias que, segundo Van Gennep (1978), possuem um objetivo em comum: passar de uma situação determinada para outra, tão determinada quanto a primeira. São múltiplos os instrumentos físicos que balizam essa passagem. Uma porta como limite entre o doméstico e o estrangeiro, a travessia de um curso de água, um ponto limite que, quando cruzado, separa-se do anteriormente vivido.

Para se chegar nesse ponto de ruptura, desse ponto máximo que é frequentemente acompanhado de um instrumento físico, é preciso que tenha havido anteriormente um rito de separação do mundo anterior, e posteriormente ritos de agregação. Essa é a tríade de que trata Van Gennep (1978): ritos preliminares (de separação do mundo anterior), ritos liminares (executados durante o estágio de margem) e ritos pós-liminares (de agregação ao mundo novo). É somente após a fase de ritos pós-liminares que a passagem de um estágio a outro de fato se concretiza, quando se espera que o sujeito que passou por essas etapas se comporte de acordo com determinadas regras.

O “entre-estágios” de um processo ritual é uma face liminar do processo (Turner, 1974). Possui em si um grau intermediário do processo, de movimento, entre “status” e estado cultural que foram cognoscitivamente definidos e logicamente articulados. Esses rituais revelam em si valores do grupo no qual estão inseridos.

Essa situação de ambiguidade, de liminaridade ou ainda de pessoas liminares é ocupada por aqueles que escapam da rede de classificação utilizada normalmente para situar as pessoas num determinado espaço cultural. Essas pessoas confundem esse sistema, não estando nem “lá”, nem “cá”. Victor Turner (1974) caracteriza-os como tendo um comportamento passivo e humilde, em um processo de reduzir sua carga passada, até uma condição uniforme, para que possam avançar no ritual.

Ser um “bandido” é uma condição singular em nossa sociedade. Como trabalhado por diversos autores (Misse, 2010; Dias, 2008; Teixeira, 2009; Machado, 2014; Cortês, 2005), a passagem da condição de “ser bandido” para deixar de sê-lo é uma tarefa especial e complicada, e vários dos que se aventuram nesse caminho buscam essa transformação através da religião. Nesse sentido, a passagem entre ser um “bandido” e deixar, ou tentar, de sê-lo pode ser pensada a partir do prisma de

passagens de estágios. A partir de um processo de desagregação, seguido por um período de indeterminações e, finalmente, por uma fase de reagregação ao novo grupo social e a nova categoria que ele se enquadra enquanto pessoa. Para compreender a possibilidade de uma passagem, é preciso compreender os significados da categoria “bandido” e, portanto, compreender seus processos.

Michel Misse (2010), ao compreender a categoria analítica “bandido” sob o prisma da sujeição criminal, nos ajuda a lançar luz sobre essa questão. O ponto central de sua análise são os sujeitos que “pensam”, “amam” e “sofrem”, é tentar entender como esse processo específico de socialização e de auto identificação, a sujeição criminal, é um processo de subjetivação que tem seu *locus* no sujeito.

Esses indivíduos “à margem” e que sofrem o processo de sujeição criminal, no Brasil contemporâneo, são os considerados “bandidos”. Esse “sujeito” é produzido pela interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais, e não pode ser confundido com qualquer sujeito incriminado. Ao contrário da punição investida contra os “bandidos”, no caso dos criminosos, ela é direcionada ao crime, ou seja, há uma sanção por oportuno do crime cometido. Quando a punição centra-se no sujeito, é o “bandido” que está sendo o alvo, há o entendimento que esse ser teria uma subjetividade essencialmente criminosa.

Esses indivíduos, sujeitos da sujeição criminal, são “bandidos” e também marginalizados, estão inseridos em um contexto social de acumulação de violência. Eles estão imersos conjuntamente a fatores sociais que se alimentam. De um lado, há uma população das quais eles fazem parte que acumulam desvantagens, e de outro são alvos de repressão e processos criminais.

Não há sujeição criminal sem incriminação, mas o oposto sim ocorre. Não é suficiente a ligação entre a subjetividade do agente e a expectativa da reiteração da transgressão, há um processo de seleção social, de condições sociais que definirão uma estratificação social dos agentes passíveis de uma sujeição criminal. Há uma dimensão ideológica nessa construção de sujeito.

O processo de criminalização é feito com os sujeitos, e não com as ações. O sujeito carrega o crime na alma. Há a expectativa da reincidência por essa constituição na persona do indivíduo. A “sujeição criminal”, como define Michel Misse (2010) engloba as rotulações, estigmatização em que está inserido o sujeito, em um processo de incriminação estrutural no processo social. Porém, cada evento só se concretiza se fizer sentido.

Essa legitimação da “sujeição criminal” determina três dimensões incorporadas na categoria “bandido” e de seus tipos sociais. O primeiro passo seria no sentido de selecionar um agente a partir de sua trajetória criminável, com expectativas de que em algum momento demandará incriminação.

Em segundo, a espera que esse agente social tenha uma “experiência social” específica, por relacionar-se com outros bandidos. Em terceiro, a dupla expectativa com relação a sua identidade: de um lado espera-se desse indivíduo que ele não vai conseguir justificar suas ações ou de que ele justificará a sua carreira criminável.

O “bandido” é um sujeito ímpar na composição social, aquele “cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados” (Misse, 2010, p.17). Sendo encarado como possuindo o crime na subjetividade do agente, ao sujeito enquadrado nessa categoria são atribuídos os sentimentos morais mais repulsivos, e as respostas à ele se colocam em duas ordens: o desejo de que se torne incapaz ou o seu ideal de reconversão à moral a sociedade que o acusa. Sair desse local de “bandido”, depois de um processo tão complexo, é uma tarefa difícil.

Como Michel Misse aponta, o “processo de inscrição do crime na subjetividade do agente, como numa possessão, e não apenas no seu comportamento criminável” (Misse, 2010, p. 25), necessitaria de um esforço à mesmo nível para que fosse revertido. Segundo o autor, para sair desse processo esse indivíduo passa por algo análogo a uma conversão, sendo inclusive recorrente que essa conversão se dê no âmbito religioso. É nesse caminho que o presente trabalho busca respostas para compreender o fenômeno de deixar o lugar de “bandido”.

É importante que se faça uma distinção entre “ex-bandido” e aqueles que passaram pelas penitenciárias brasileiras, os “ex-presidiários”. Como Cesar Teixeira (2009) pontua, a carga muda muito entre os termos, não se referindo ao mesmo fenômeno. Enquanto “ex-presidiários” tem uma conotação negativa, que aproxima esse indivíduo do estigma de criminoso, o termo “ex-bandido” traz um caráter de mutação do ser, afasta ou faz o esforço de fazê-lo do estado anterior. Nas próprias igrejas neopentecostais esse seria um termo utilizado para enfatizar as pessoas que saíram na “vida do crime” através da conversão religiosa.

Nesse sentido, é fundamental que se faça a distinção entre o processo de conversão na rua e na prisão. Como explorado por Camila Dias (2008), não é incomum um processo de conversão dentro das penitenciárias brasileiras, especialmente às religiões evangélicas, mas pelas condições peculiares do local a conversão toma contornos especiais. Pela própria configuração da prisão enquanto uma instituição total, enquanto estabelecimento que força a integração de todas as esferas da vida cotidiana na construção da identidade daqueles que possuem uma interação social forçada com os mesmos atores por longos períodos de tempo (Goffman, 2001), a religiosidade passa a ser uma forma de se distinguir nesse espaço. Como a autora demonstra, essas conversões ocorridas dentro do espaço

prisional são cercadas de especiais dúvidas, justamente pelo lugar característico dos evangélicos na prisão.

Mesmo havendo uma continuidade entre as experiências de conversão que acontecem nas prisões com aquelas de “bandidos” no “mundão”, me concentro naquelas ocorridas fora do espaço prisional. A conversão, desse modo, como processo em que os indivíduos entram em contato com uma religião, aceitam sua cosmovisão e se mantêm dentro do seu sistema de crenças (Carozzi, 1994), ocorre nesse mundo fora das grades. São também presentes os relatos na literatura de conversões de ‘bandidos’ para religiões neopentecostais, ou ainda de uma interface entre os dois mundos em que as mudanças ocorrem não só na trajetória pessoal, mas como na dinâmica urbana de todo o contexto de uma comunidade. Através da conversão de determinados atores centrais, como na pesquisa de Cunha (2014) na favela de Acari – RJ, há a mudança de signos urbanos, de pichações. Porém, a presente pesquisa foca nas (possíveis) mudanças na trajetória dos sujeitos com quem dialoguei.

1.3 - Entradas no campo

A abordagem utilizada privilegiou a entrada em centros religiosos pentecostais, igrejas, em detrimento da aproximação a entidades como a Casa de Reintegração Mar Vermelho, em Sobradinho, ou o Acampamento Dorcas, perto da cidade goiana de Santo Antônio do Descoberto, por exemplo, que são entidades com base neopentecostais, mas que focam suas atividades em pessoas, prioritariamente homens, que sofrem com a dependência química. Não foram encontrados grupos semelhantes ao “resgatados da morte”, por exemplo, da Assembleia de Deus dos Últimos Dias (Adud), localizado na Baixada Fluminense, liderados pelo pastor Marcos Pereira, que possui em seus objetivos a conversão de indivíduos de alguma forma envolvidos no “mundo do crime”, cujos testemunhos foram analisados pela pesquisadora Machado (2014). Sendo difícil delinear claramente a separação entre o “mundo das drogas” e o “mundo do crime”, optou-se por evitar essa via.

As tentativas de encontrar interlocutores foram por vários caminhos. Através de relações familiares com frequentadoras da Igreja Batista, mas que não se concretizou. Através de relações pessoais diretas com um conhecido que havia vivenciado o “mundo do crime” e que vive em uma situação marginal entre a música, sobretudo gospel, e o uso de drogas, mas cujo contato foi difícil o suficiente para não haver a possibilidade para um encontro, uma conversa mais aprofundada. Indo a cultos, especificamente da Igreja Universal do Reino de Deus na W3, na Asa Norte, que se apresentou

como um ambiente hostil a minha entrada. Em todas essas tentativas, as pessoas com as quais eu dialogava e tínhamos uma diferença etária considerável. Elas estavam entre os 30 e 60 anos, enquanto eu sou uma jovem de 23 anos. Somados a isso, meus signos corporais não se aproximam daqueles identificáveis no “círculo evangélico” mais tradicional. Cabelos curtos e várias tatuagens, por exemplo, são possíveis fatores que contribuíram para uma pouca abertura e distanciamento nesses primeiros contatos.

A entrada em campo que, finalmente, se mostrou frutífera foi no Sara Nossa Terra, que possui um programa intenso em relação aos jovens. E foi um ex-colega de curso, que me foi apresentado pela Profa Haydée Caruso, o Lucas que me abriu as portas lá. Ele, que é líder de célula na igreja, me ajudou na inserção no campo, como Doc para Foote White (2005), me acompanhando nas dinâmicas e rotinas da Sede da igreja. Ele, além de membro ativo da igreja, mas enquanto cientista social foi essencial para os desdobramentos da presente pesquisa.

Em meio a observações participantes nos cultos do Arena Jovem, participação em células, fui apresentada aos meus dois interlocutores principais, com os quais fiz uma entrevista individual em profundidade baseada em um roteiro prévio⁵. Além delas, houve uma conversa mais aprofundada com o próprio Lucas uma vez que, mesmo após várias conversas informais, sentia a necessidade de um diálogo mais aprofundado para melhor compreensão da dinâmica da Sara Nossa Terra e da trajetória dele dentro da igreja.

Frequentei a igreja de fevereiro a maio de 2018. Acompanhei aos cultos do Arena Jovem das 18h, sempre aos sábados. A ideia inicial era estar frequente na maior quantidade de sábados possíveis, mas houve um desconforto no sentido de deixar claro os meus objetivos no local. Com a participação frequente, e em todos os eventos para os quais eu fui convidada, poderia haver uma confusão sobre as minhas intenções naquele contexto. Dessa forma, como respeito aos meus interlocutores, passei a fazer visitas intermitentes. Com isso, foi possível estabelecer uma relação de confiança e proximidade, ao mesmo tempo que houve uma razoável compreensão que não estava ali para ser convertida.

⁵ Vide Anexo 1

Capítulo 2 – Sara Nossa Terra

2.1 - História da Igreja Sara Nossa Terra

A Igreja Sara Nossa Terra tem suas origens em Goiânia, nos anos 70, onde Robson Rodovalho, hoje Bispo Rodovalho, fundou a Comunidade Evangélica de Goiânia, juntamente com sua recém esposa Maria Lúcia. Em 1992, através de uma “mensagem divina”, o casal foi levado a Brasília no caminho de um outro Ministério. Esse momento pré-estabilização da congregação e inauguração da primeira Igreja Sara Nossa Terra, e o que aconteceu com a Comunidade Evangélica Cristã, não são tão claros nos materiais públicos da Igreja (Sara Nossa Terra, 2018).

Em 1994 o casal Robson e Lúcia fundam juntos a Igreja Sara Nossa Terra no Sudoeste⁶, um bairro nobre do Distrito Federal, e que continua até hoje a ser a Sede principal do ministério; o símbolo da igreja também esteve presente desde sua inauguração, uma chama vermelha, que serviria de guia aos fiéis. Símbolo esse que é encontrado em carros, motos e paredes pela cidade.

Figura 1 - Símbolo da igreja



Fonte: Site Sara Nossa Terra⁷

Atualmente, de acordo com seu site oficial (Sara Nossa Terra, 2018), a Sara Nossa Terra (também conhecida como SNT ou simplesmente Sara) está presente em diversos estados brasileiros, países da América do Sul, da Europa e do norte da África, além dos Estados Unidos. Somadas, são

⁶ Região Administrativa que surgiu em um desmembramento do Plano Plano, e possuía em 2016 53.262 habitantes. (Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2016). Conta com um IDHM de 0,957 e contava com uma renda per capita média de R\$ 6.135,12 em 2010 (Atlas Brasil, 2013)

⁷ Disponível em <http://saranossaterra.com.br/>. Acesso em maio de 2018

1.080 Igrejas e 1,3 milhão de fiéis. A principal igreja a ser fundada é a Sede Internacional, e é a que se localiza no Sudoeste. Há também Sedes Regionais em Neuquen - Argentina, Atlanta – Estados Unidos e Lisboa – Europa.

Além de uma estrutura física consolidada, a SNT também conta com uma estrutura de comunicação ampla e diversificada. Possuem uma grande emissora de TV, a Rede Gênese, que tem alcance em 20 estados brasileiros; uma rádio, Rede Sara Brasil, que pode ser sintonizada em nove capitais brasileiras; uma editora (Sara Brasil Produções e Edições) e uma gravadora gospel (Sara Music).

Os cultos na Sede em Brasília seguem temáticas específicas, divididos por dias e horários, mas sempre durando cerca de duas horas. Durante a semana ocorre o “Culto de Quebra das Maldições” na terça-feira e “Culto Conexão” na quinta-feira, ambos às 20hrs. O final de semana concentra a maior parte dos cultos. Sábado é o dia do “Arena Jovem”, realizado em duas sessões, às 18 e 20hrs. No domingo são realizados três cultos: “Culto na Presença de Deus”, às 10hrs, “Culto da Família”, às 18hrs e o “Culto Profético” que ocorre às 20hrs.

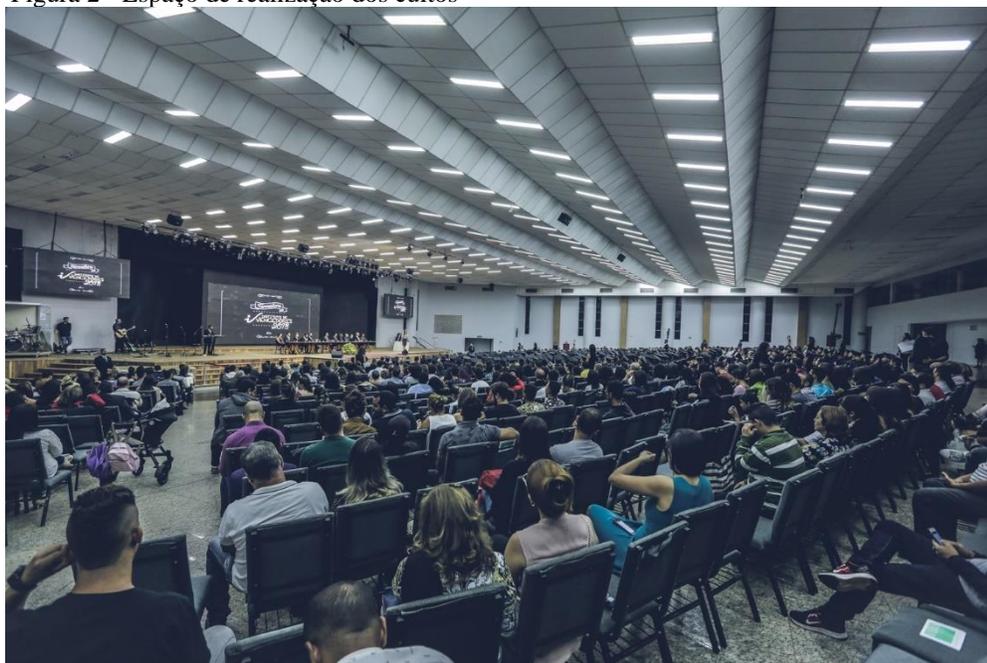
2.2 – A estrutura da Sede da Sara Nossa Terra

A maioria das atividades que acompanhei ocorreram na própria Sede do Sudoeste, em Brasília, chamada de Sede Internacional da Sara Nossa Terra, ou simplesmente “Embaixada”. O fundador da Igreja, o Bispo Rodovalho, juntamente com sua esposa, Bispa Lúcia, estão presentes semanalmente nas atividades ali realizadas, principalmente aos domingos. É uma grande instalação, ocupando um terreno que é cercado por prédios de pequenas residências. Fica de frente para uma reserva do INMET – Instituto Nacional de Meteorologia, vizinho de oficinas automotivas e próximo a um hospital.

Ao entrar na Igreja damos de frente com alguns sofás e poltronas, e a sua esquerda fica uma livraria onde são vendidos livros escritos pelo próprio Bispo Rodovalho, sendo muitos títulos uma tentativa de diálogo entre fé e ciência, juntamente com outros livros religiosos, grande parte da própria editora Sara Brasil Produções e Edições. Seguindo a diante pela direita, único caminho possível, encontramos a entrada do lugar onde acontecem os cultos. A porta, grande, fica aberta de frente a um tapume, e é preciso desviá-lo para poder olhar para o grande palco à frente, precedido por centenas de cadeiras. Elas se espalham por quase todo o local, com alguns tripés com câmeras filmadoras entre

elas. O palco é grande, e ocupa toda a frente do local, e tem como fundo grandes telões de altíssima resolução. Dos dois lados existem escadas para acessá-lo, e onde alguns permanecem quando é um culto muito cheio. Os músicos se concentram do lado esquerdo de quem olha do palco, saindo e entrando de acordo com a necessidade. A direita e a esquerda existem portas onde aqueles que estão organizando entram e saem. Só entrei na da esquerda de quem acompanha o culto, indo para uma salinha, após passar por um corredor, para receber as boas-vindas junto com aqueles que estavam indo pela primeira vez à Sara. Ao detalhar o local me recaiu a dúvida sobre o seu nome (nunca havia ouvido alguém chamá-lo por um nome específico), uma vez que é tão grande e a música tão alta quando se chega ao local que se é levado para lá quase que de modo automático. Porém, ao surgir a dúvida, fiquei sabendo que o local é chamado pelos jovens de “nave”, mas não cheguei a escutar esse nome enquanto estava frequentando as atividades.

Figura 2 - Espaço de realização dos cultos



Fonte: Site Sara Nossa Terra⁸

Saindo do espaço culto, diante da porta que leva ao grande local de celebrações há uma espécie de guichê, onde há um responsável por administrar as chaves das várias salas que a igreja possui (um

⁸Disponível em : <http://saranossaterra.com.br/noticias/360-alunos-se-formaram-no-instituto-de-vencedores-da-sede/20>. Acesso em maio de 2018

posto de organização, característica marcante da igreja). A direita e a esquerda desse posto estão as escadas, que levam para o andar superior ou para o subsolo. No andar de cima fica a “brinquedoteca”, uma sala em que as crianças podem ficar enquanto os responsáveis acompanham os cultos. Não tive oportunidade de estar no local, mas é possível ver as suas janelas decoradas, voltadas para o lugar onde assistimos os cultos. À direita é possível acessar a escada que desce ao subsolo. Lá são desempenhadas uma série de atividades (células, aulas, reuniões, chamadas para novos membros, dentre muitas que provavelmente não tive acesso). Há também um espaço grande e multiuso, que às vezes é tomado por cadeiras, e já foi espaço de festas com funk gospel que pude acompanhar há cerca de 13 anos, em 2005, mas que hoje já não acontecem. O subsolo é um pouco confuso, com vários corredores, um pouco labiríntico para aqueles que não sabem onde ir, que parecem ser poucos. Os banheiros e uma lanchonete ficam no térreo, indo reto após passar pela grande porta e o guichê com as escadas.

O público que frequenta a Sede, costuma ter um perfil diferente dos frequentadores da maioria das outras igrejas, como a de Ceilândia. Principalmente aos domingos, frequentam os “cheios da grana”, perfil facilmente compreendido pela localização no Sudoeste. Porém, no Arena Jovem há uma conformação diferente. Jovens de todo o Distrito Federal vão para lá, sendo frequente o fretamento de ônibus para levar os jovens de várias regiões. Dessa forma, o perfil da igreja na qual me inseri é mais elitizado em comparação a várias igrejas da SNT, mas ainda sim conta com uma diversidade grande no público.

2.3 A caminhada na igreja

O Arena Jovem é o grande espaço de encontro dos jovens frequentadores da Sara Nossa Terra, que acontece todos os sábados no início da noite. O culto tem uma linguagem, visual e músicas diferentes da maioria das várias igrejas evangélicas, e da própria SNT. Diferente dos cultos de domingo, por exemplo, o Arena Jovem é o espaço destinado ao encontro dos jovens da igreja, sendo raro a presença daqueles com mais de 20 e poucos anos. Eu, com 23 anos, estou um pouco acima da média etária dos frequentadores. A maioria dos que vão para o Arena aparentam estar, atualmente, entre os 13 e 20 anos. Há a presença de “adultos”, mas geralmente estão acompanhados de crianças -

que não são raras- ou fazem parte do corpo da igreja e estão pregando, coordenando, desempenhando algum papel específico naquele contexto.

O Arena Jovem que acompanhei se inicia sempre aos sábados, às 18h. Os frequentadores, porém, vão chegando aos poucos, alcançando a “lotação” habitual cerca de meia hora após o início da celebração. Esse período inicial é tomado por músicas, todas gospel com uma “pegada jovem”. Tocadas e cantadas ao vivo, com letras no telão para que todos possam acompanhar, variam de ritmos, como “rock” e “pop”, com letras que fazem referência a fé. Esse “louvor”, como é chamado, tem um período variável, durando cerca de 30 a 40 minutos. A medida que os jovens vão chegando, enquanto uma música alta invade o lugar, eles vão se dividindo no espaço de acordo com as suas equipes. Para que se possa compreender o próprio culto, é preciso entender as dinâmicas e hierarquias que permeiam a Sara.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra se baseia no modelo G12, que foi difundido na América Latina pelo pastor Colombiano Cezar Castellanos Domingues a partir de 1991, com fortes influências sul-coreanas do Ministro Evangélico David Yonggi Cho, ligado à Associação Mundial das Assembleias de Deus. Modelo esse descrito por Gomes (2010), em que pequenos grupos de 12 pessoas, que são chamadas de “células”, vão constituindo e formando a igreja. Ao crescer, chegando em 24 membros, ela se divide, dando início a um processo de reprodução. Não sendo exclusividade do Sara Nossa Terra, foi implementada por ela para reagrupar os fiéis, e cresce a partir da implementação dessa nova dinâmica. Essas células são lideradas por pessoas da mesma faixa etária daqueles que a frequentam, jovens no caso do Arena Jovem. Há reuniões semanais dessas células, sempre chamadas e guiadas pelos líderes, com temas semanais baseados, geralmente, em passagens da Bíblia.

Na igreja em que acompanhei, a Sede Internacional, as células se organizam em equipes. São a reunião de várias células formando um grupo unido e identificado, liderados, quase sempre, por um pastor. Cada membro da igreja participa de pelo menos uma célula e, portanto, pertence a uma equipe. A que acompanhei, da qual Lucas participa, foi a equipe “Invictus”, inspirada pelo filme que conta a história de Nelson Mandela (Invictus, 2009). As cores utilizadas por eles são o azul e o laranja, e se sentam à esquerda de quem entra na “nave”, e vários de seus membros vão frequentemente com camisas com seus símbolos. Eles se reúnem perto do palco, ao final dos cultos, para marcar presença e entoar gritos, como:

Quem é Invictus levanta a mão

Ôôôôô

Então bora lá:

É 1, é 2 é 3

Iiiiiin, Viiiic TUS TUS

Invictus a sua alma é semear

Pela missão que é faca na caveira

Sangue no olho nunca faltará

Invencíveis nunca param de lutar

Eu sou Invictus, mais que vencedor

Vamos pra cima o que nos move é o amor

Somos um time, uma família, um esquadrão

Quem é Invictus tá fechado com a missão

Eu sou Invictus, mais que vencedor

Vamos pra cima o que nos move é o amor

Somos um time, uma família, um esquadrão

Quem é Invictus tá fechado com a missão

Além da Invictus, fazem parte da Sede uma série de equipes, como “S.W.A.T.” (que possui a cor preta como marca, havendo alguns jovens com metade do rosto pintado), “Combate”, “Turbo”, “Resgate”, “Tração”, “Leões”, dentre outras. Elas se dividem entre os cultos, ou seja, são equipes diferentes às 18 e às 20hrs. As equipes mudam ao longo do tempo, estando diretamente relacionadas com a figura do seu líder, ou seja, quando o líder é enviado para outra unidade da igreja a equipe se desfaz. Os vários símbolos podem ser encarados como, além de estabelecer uma ordem no universo da igreja, como forma de dispositivos que permitem canalizar e redirecionar as mais variadas emoções (Turner, 1974), especialmente quando se pensa na juventude como um período de mudança e novos confrontos com sentimentos como ódio, temor, afeição e tristeza.

O grande encontro da igreja acontece uma vez por ano, na época do carnaval, a Conferência Arena Jovem. Sempre guiado por um tema⁹, o evento acontece por todo o Brasil e pelas igrejas espalhadas pelo mundo. A reunião principal acontece na Sede, onde cerca de 16 mil jovens se reúnem, e de onde maioria das palavras de são transmitidas ao vivo para os demais lugares.

A entrada na igreja geralmente ocorre através das células, por meio de um convite pessoal que é amplamente incentivado. Outra opção possível, porém, menos comum, é a ida direta ao Arena Jovem. Em todos os finais de culto há uma chamada para aqueles que estão indo ao Arena pela primeira vez que se apresentem e se dirijam a frente do palco, junto com o líder que o levou até lá.

⁹ O tema de 2018 foi “Eu nasci pra isso” e em 2019 será “Invencível”.

Depois de uma recepção na frente do palco, com boas vindas e muitos abraços, todos os ‘novatos’ são levados para uma sala a esquerda do palco. Lá, junto com os líderes, os novatos recebem mais cumprimentos, entregam os contatos de telefone e, na ocasião em que estive presente como novata, todos estavam acompanhados. Não havia ninguém ali “sozinho”, sem alguma liderança, apontando que o caminho trilhado até o Arena obedecia ao mais comum, ou seja, não era o primeiro contato deles com a SNT.

A partir da frequência nas células e nos cultos, os jovens são convidados a participar do Revisão de Vidas¹⁰. Esse é um evento que ocorre algumas vezes por ano e consiste em um retiro onde jovens, a partir dos 13 anos, passam três dias isolados em uma chácara da própria SNT. O conteúdo do que acontece no Revisão não é compartilhado com aqueles que não passaram pela experiência, e aqueles que vão dividem somente o que sentiram durante esse período. Porém, Lucas apontou que as temáticas rondam momentos de “libertação”, de perdão, de compartilhamento da história de vida, falam de batismo, explicam mais sobre o Instituto de Vencedores. Segundo ele, só há espaço para a “Palavra”, lanchar e dormir. Esse evento é um marcador dos ritos preliminares (Van Genep, 1978), em que o futuro membro da igreja se separa do mundo anterior. Marca o início do período de liminaridade (Turner, 1974), em que os jovens já não mais pertencem ao “mundo”, estão inseridos na comunidade da igreja, mas ainda não são considerados membros. O segredo do que de fato acontece é uma das características marcantes do encontro, como na fala de Mateus:

Antes eu fui pra fazer; hoje eu vou pra trabalhar, pra ajudar o pessoal. Tem diversos momentos lá de libertação, de cura, que precisa ter líderes lá que... Enfim, tem coisas espirituais que não tem como eu explicar, entendeu, que é só na hora. Mas, eu fiz o pré, que mostra um pouquinho do que é o revisão, e lá no revisão ele é tremendo. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Os jovens, na saída do Revisão de Vidas, são recebidos por suas famílias no culto de domingo, em uma celebração especial onde eles recebem destaque

¹⁰ Ele é apresentado em pequenas reuniões após os cultos, chamados de “Pré-Revisão”. No que participei, havia um sermão com palavras de incentivo a mudança, um teatro onde se encenavam Deus tentando mandar recados através do cotidiano e o trecho do filme “Matrix” (1999), em que Neo tem que escolher entre a pílula vermelha ou a azul, que lhe davam a escolha de encontrar a verdade -a igreja- ou continuar na ignorância.

Figura 3 - Dia de chegada do Revisão de Vidas



Fonte: Site Sara Nossa Terra¹¹

Após o retorno, eles voltam a frequentar as células e seguem então para o Instituto de Vencedores -IV. É um curso, com aulas que acontecem uma vez por semana, e duram dez meses. Ele é dividido em três módulos, onde primeiramente são vistos os “valores cristãos” (bíblia, oração, características de Deus), em seguida a “cura interior da pessoa” (perdão, autoestima), e finalmente a “liderança” (qual o seu talento? Como chamar alguém pra igreja? Como falar em público? Como dar uma célula?). Um dia específico é destinado ao TAC – Treinamento de Abertura de Célula, no fomento a criação de novas células. É nesse espaço que vai se concretizando a entrada para a igreja, de agregação ao mundo novo da igreja (Van Gennepe, 1978). É a partir da conclusão do IV que se tornam, de fato, um membro da igreja. Enquanto isso, esse “potencial convertido” ocupa uma posição enquanto pessoa liminar (Turner, 1974)

Após a conclusão do Instituto de Vencedores o caminho que se toma é a abertura de uma célula, onde o ciclo básico se reinicia. A partir desse momento o membro se torna líder de célula, passa a ter seus discípulos, e assim uma responsabilidade dentro da comunidade. Com o passar do tempo, a medida que as células crescem, e que os seus discípulos começam a ter as próprias células,

¹¹ Disponível em: <http://saranossaterra.com.br/noticias/cultos-de-domingo-04-05-embaixada-lotada-pela-volta-das-revisionistas-e-palavra-sobre-batalha-e-conquistas-do-bispo-rodovalho/>. Acesso em maio de 2018

é possível crescer na hierarquia da igreja. Como lembra Turner (1974), a tendência de se tornar hierárquico acompanha o crescimento de uma religião ou grupo cerimonial, e a ‘tarefa’ primordial para que se avance na hierarquia é o número de células e de discípulos que lideram células. Quando se atinge 10 células, por exemplo, que se ministra pessoalmente ou por intermédio dos discípulos, se é ordenado obreiro. O estágio seguinte é de diácono, seguido por missionário, pastor, e, finalmente, bispo.

Organograma 1: Hierarquia



Os meus interlocutores ocupam lugares diferentes nessa hierarquia. Lucas era líder de célula quando comecei a pesquisa, mas se tornou obreiro ao se casar e, como consequência, uniu as suas células e discípulos com a sua, agora, esposa. Essa é uma marca forte da igreja, que possui o casal de Bispos, Rodovalho e Lúcia como fundadores. João, que hoje é líder de célula, estava noivo quando conversamos, e aponta que um elemento importante do seu relacionamento é a ambição de ambos no sentido de crescer na igreja. Mateus, que também é casado, me explica que

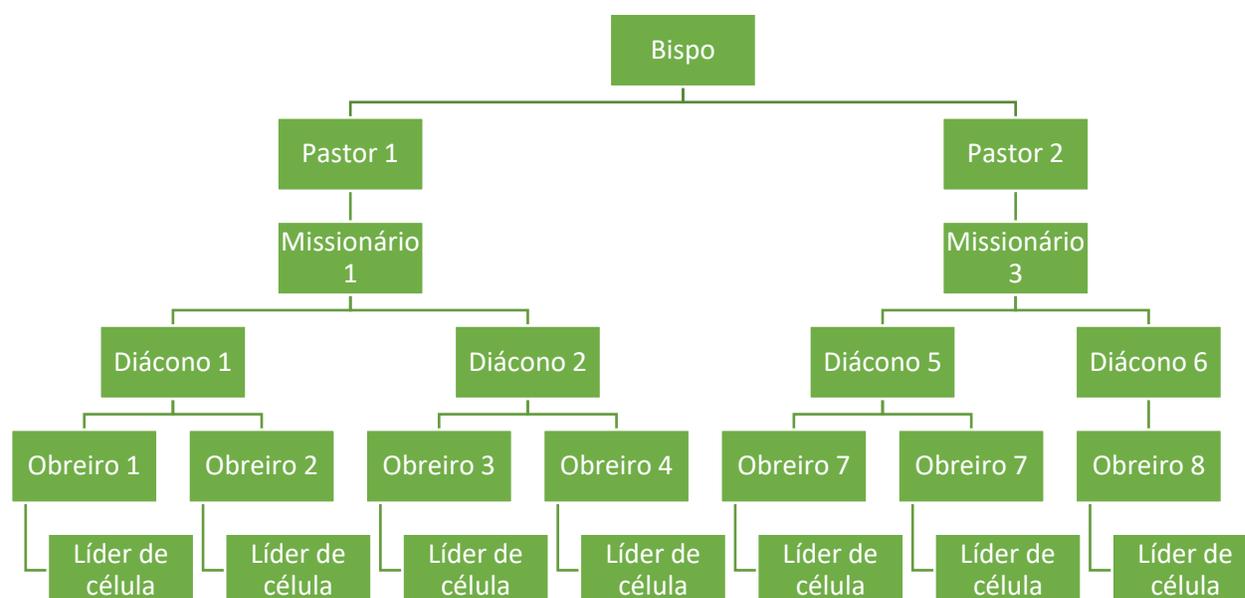
a bíblia diz que quando você casa, se torna uma só pessoa com aquela pessoa, tanto emocionalmente quanto nas práticas do dia a dia e espiritualmente. Então, tudo o que está em você passa pra ela e tudo o que está nela passa pra você. Vocês se tornam uma só carne, uma só pessoa. Cara, é fascinante!” (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Ele, que atualmente é missionário e se preparando para se tornar pastor já dá “sermões” durante os cultos, conduz a cerimônia do Arena Jovem. Nesse estágio, eles podem ser enviados a outro local para conduzir uma igreja enfraquecida, ou para fundação de uma nova. Aqueles que ficam na Sede, podem pensar sobre a fundação de uma equipe. Mateus, atualmente, está nesse processo, no caminho de fundar a “Resgate”.

O sistema de gerenciamento de tantos fiéis com tantos níveis hierárquicos é feito com o auxílio de um sistema conectado à internet, chamado Circuito da Visão, que pode ser facilmente acessado pelos líderes por um celular, por exemplo. Todas as atividades que acontecem e pessoas que passam pela igreja estão nesse sistema. Nele, cada líder tem acesso ao seu próprio circuito. É possível ver

todas aquelas “pessoas aliançadas”¹² em um determinado período de tempo. Quem foi à célula, ao Arena Jovem, ao culto de domingo. Todos esses números são colocados nessa plataforma, e todos os níveis “superiores” tem acesso aos dados que os seus discípulos inseriram, e se somam também aos deles¹³, como é possível visualizar no organograma abaixo. Esses números são contabilizados, e eles possuem metas a serem cumpridas. É através desses dados que as possibilidades de ascensão são concretizadas.

Organograma 2: Acesso às informações



¹² Pessoas que foram em determinado culto através do líder ou de algum discípulo dele

¹³ O número total é chamado de “Membresia”

Capítulo 3 –As trajetórias: de bandidos a convertidos –

3.1 Os meus interlocutores e nosso contato

O meu caminho para chegar até meus dois interlocutores principais se deu mediado por Lucas, que me levou até o Sara e me introduziu à comunidade, e com quem também tive a oportunidade de ter uma conversa mais formal. As entrevistas foram feitas com dois homens, ambos na faixa dos 30 anos que me foram apresentados pelo Lucas. Inicialmente, ele havia me falado da possibilidade de uma entrevista com uma menina, mas que, após uma conversa dele com a potencial entrevistada, a possibilidade foi negada por um desconforto da parte dela, mas não tive a oportunidade de intermediar essa conversa.

Apesar de não saber sobre a história de vida da potencial interlocutora, o fato de ela não estar aberta a conversar comigo pode ser um indício da dificuldade e da masculinidade do tema. Ao contrário daqueles que concordaram em conversar comigo (ambos homens) o “mundo do crime” tem o potencial de ser algo mais sensível na trajetória de vida dela por romper com dois modelos: de feminilidade por ser mulher e de masculinidade do “mundo do crime” (França, 2012). Todavia, por falta de maiores dados, não é possível fazer afirmações categóricas sobre os motivos que a levaram a não conversar comigo.

Meus entrevistados, Mateus e João, já foram pertencentes à “Invictus”, equipe da qual fiquei próxima nas minhas idas aos cultos do Arena Jovem. Mateus já foi, inclusive, líder de Lucas. Dessa forma, o laço entre eles é bastante fortalecido, tendo em vista a própria dinâmica dos cultos e das equipes. Desde que iniciei o campo, porém, Mateus está formando sua própria equipe, “Resgate”, e João o acompanhou nessa migração. Na divisão ‘territorial’ dos cultos do Arena Jovem, eles agora se reúnem em um lugar à direita de quem entra no espaço.

Os perfis de João e Mateus se aproximam e distanciam, principalmente na história de vida, mas também no lugar que ocupam hoje na igreja. Mateus, 32, é branco e está casado e trabalha em um órgão público, enquanto João, 35, também é branco está noivo, querendo abrir a própria empresa depois de ter pedido demissão em seu trabalho como motorista em um Ministério Federal. Os dois possuem uma rotina intensa com a igreja, mas a personalidade de cada um e a maneira com que se inserem no contexto da igreja é visivelmente diferente.

Mateus é um missionário, está perto de se tornar pastor, e assim está se “realocando” nos espaços e hierarquias da instituição. Extrovertido, desde a nossa apresentação na frente da Sede após um culto, em uma área em que alguns ambulantes e membros da igreja vendem comidas e bebidas, já ficou bastante interessado no tema da entrevista. Já nesse primeiro contato se mostrou solícito a conversar comigo em um dia posterior; me convidou para me juntar aos companheiros de equipe dele naquela mesma noite em uma praça ali perto. Não pude acompanhá-los, mas no tempo em que conversamos já compartilhou um pouco da sua história. Me relatou o frequente uso de drogas antes de entrar na igreja, contando histórias do período que frequentava um bar muito conhecido entre os estudantes da UnB, como forma de mostrar uma proximidade comigo. Em contraste a essa figura aberta e extrovertida de Mateus, João, que é líder de célula, se mostrou um rapaz mais quieto, mas ainda sim solícito. No dia que Lucas nos apresentou, ele se mostrou aberto para conversar, mas de maneira mais tímida, e poucas palavras foram trocadas.

A sugestão de Lucas para que eu fizesse a entrevista com eles, e os convites de ambos os entrevistados, iam no sentido de participar de uma célula que eles dariam, e conversar com eles em seguida. Era recorrente a tentativa de me fazer interagir com momentos de evangelização. Como um dos pilares da Sara, crescer e se multiplicar (Gomes, 2010), eu era um potencial membro da igreja, e os esforços para que eu me inserisse nela não foram poupados.

O encontro com Mateus ocorreu segundo os convites, e foi possível em uma reunião de sua célula. Conversando com ele pelo WhatsApp, e após alguns desencontros, pude marcar a nossa entrevista. Ele mencionou duas células, uma na Asa Norte e outra no Lago Norte, e segui para o dia marcado na primeira localidade¹⁴. Debaixo de um bloco nas 400¹⁵, às 19 hrs, me juntei ao Mateus, sua esposa e mais uma jovem, a moradora do bloco onde estávamos. A temática do dia foi o “O Relacionamento com Deus”, e foi mediada pela esposa do meu entrevistado, que estava sendo “treinada” para dar aquela célula. Participei ativamente, dando as mãos nas situações em que era convidada e ouvindo atentamente um “sermão” descontraído, mesclando passagens da bíblia com situações do cotidiano. Findada a célula, era a oportunidade que tinha para realizar a entrevista ali

¹⁴ A Asa Norte, que faz parte do Plano Piloto, foi inaugurada em 1960 com a reorganização administrativa do Distrito Federal, e possuía em 2016 uma população de 220.393 habitantes (Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2016) e conta com um dos maiores IDHM do DF, 0,957 (Atlas Brasil, 2013). A área possui um total de 13,94% de evangélicos, sendo 5,62 declarados evangélicos pentecostais.

¹⁵ Conjunto de quadras na Asa Norte, no Plano Piloto de Brasília. Cada quadra possui até vinte blocos de até três andares, todos rodeados por áreas verdes e com pilotis livre, sendo possível o acesso de toda a comunidade ao pavimento térreo dos blocos.

mesmo e eu e meu entrevistado nos distanciamos das nossas companheiras de célula para termos uma conversa mais reservada. Importante ressaltar, porém, que no final da entrevista a esposa se juntou a nós, uma vez que a moradora do bloco foi para casa, em uma situação delicada em que aprofundávamos o conteúdo da conversa.

Marcar a entrevista com João foi mais complicado. As células que ele lidera são na Estrutural¹⁶. Sendo uma Região Administrativa reconhecida como perigosa e com cenário bem diferente da Sede, localizada em uma área nobre da cidade, houve uma reticência do próprio entrevistado sobre a minha ida até lá, com comentários como “você tem mesmo como ir?”, “o horário é complicado”. Apesar a minha confirmação sobre a possibilidade de ir até a sua célula, não insisti para que nossa conversa acontecesse lá. Marcamos para as 17 horas de um sábado na Sede, antes do início do Arena e fizemos a entrevista em uma mesa no espaço multiuso da igreja, no subsolo, próximo a outros frequentadores que esperavam o início do Arena.

Sempre muito atento ao celular, João se abriu na nossa conversa com mais facilidade do que Mateus. Foi dividindo os momentos de sua vida e de sua história com orgulho, queria dividir o que havia vivenciado e passado comigo, várias vezes sem a necessidade de perguntas. Ao contrário de Mateus, que por vezes parecia mais propenso a tentativa de me levar à igreja do que dividir os aspectos da sua história, João abriu o seu passado de maneira mais direta, inclusive me mostrando fotos da época que era “mala” e que guarda no celular.

3.2 A vida antes da igreja

Mateus veio com sua família do Rio Grande do Norte para a capital com 14 anos, no início dos anos 2000, e passou a morar na Asa Norte, um bairro do Plano Piloto, de classe média alta de Brasília. Até então, tinha uma rotina “de menino”, ia para a escola, mas com essa mesma idade começou a se envolver com meninos da mesma quadra em que morava e sua rotina e comportamento começaram a mudar

¹⁶Região do DF que tem sua origem em uma invasão de catadores de lixo em uma área próxima ao aterro sanitário, se instalando no início dos anos 90 (Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2015) e que contava em 2015 com 35.094 habitantes. A área possui um total de 47,25% de habitantes que se identificam como evangélicos, sendo 19,31% evangélicos pentecostais. Em 2010 apresentava um dos menores IDHM do Distrito Federal, 0,616 (Atlas Brasil, 2013).

Eu conheci uma galera da pesada e fui me envolvendo. Daí fui começando a usar todo tipo de droga, para as festas... A gente não ia só para as festas só para curtir; muitas vezes ia para brigar, pichava. Entramos numa gangue eu e alguns amigos, e essa gangue era gigante. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

No sentido contrário da maioria das trajetórias de “ex-bandidos” que se tornaram pregadores, como observou Côrtes (2007), em que eles frequentemente atribuem argumentos éticos, ligados a injustiça social, como cruciais para sua entrada no “mundo do crime”, Mateus se vê nessa situação por uma rede de socialização. Vê que as “más companhias” com quem passou a andar tornaram possível esse seu comportamento. Nesse processo de aproximação, houve um evento marcante no início de sua trajetória dentro da gangue, uma invasão a uma agropecuária na Granja do Torto, região entre a Asa Norte e Sobradinho. Esse evento resultou na morte de um rapaz durante uma confusão, um “inocente” que não tinha envolvimento com nenhum grupo rival. Esse momento parece crucial para a permanência dele com o grupo, um momento divisor de águas do momento em que ele passa a se sentir parte do grupo

Logo no começo dessa gangue, a gente chegou a ir a uma agropecuária ali na Granja do Torto e um dos caras, dos integrantes, matou um outro menino com um soco, eu já queria sair com medo da gangue, mas não tinha como mais porque já tinha o nome lá, que a polícia tinha fichado a galera, na verdade mapeado, né? Eu não tinha sido preso ainda. Eu queria sair, mas não tinha como. Então, falei: “ah, vou de cabeça, não tô nem aí”. Um abismo puxa o outro, né? [...] O cara que foi morto nem foi um cara que foi rival, que era rival da nossa gangue. A gente chegou, e como era tumulto, muita gente, às vezes pega um cara e confunde... [...] O cara da nossa gangue achou (eu tinha acabado de entrar na gangue), o cara achou e deu um murro. Pegou na fonte dele, e é letal. Pegou e ele faleceu, esse jovem. A gente ficou com medo um tempão mas, graças a deus, pra gente não deu nada. Pro menino, o menino foi preso, em primeira mão, mas depois foi solto porque o pai acho que era “juizão”, a mãe era advogada, não lembro, não lembro direito assim. A gente nem era amigo. A gangue era tão grande que tinha muita gente que nem se conhecia. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Como é possível observar pelas (ausência de) complicações para o autor da agressão, a gangue era constituída, também, por jovens com uma base familiar estável e com influência nas esferas judiciais. Eram jovens com acesso à informação, bens materiais, não se encaixando no perfil de “bandido” fruto da sujeição criminal (Misse, 2010). Pelo próprio local em que a gangue se organizava, é possível compreender os contornos dessa situação. Apesar da existência da gangue, e das suas práticas em desacordo com a lei, ela é descreditada pelo “pessoal” da periferia, como é possível observar nas entrevistas que Carla Andrade (2007) fez com os jovens da Ceilândia¹⁷, Região Administrativa de periferia de onde João, meu outro entrevistado, morava. Segundo os jovens da

¹⁷ A RA surgiu em decorrência da Campanha de Erradicação de Favelas – CEI, que moveu cerca de 80.000 moradores de diversas favelas do DF para uma mesma região no início dos anos 1970. Em constante crescimento, a região hoje se subdivide em chamados “setores”, e reúne cerca de 489.351 habitantes (Codeplan – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2015)

periferia, entrevistados pela Carla, as galeras e gangues do Plano Piloto mimetizam os elementos culturais dessa região, usurpam a cultura da periferia. A autora atenta também para o fato de que as gangues de classe média, por mais que mobilizem a imprensa, não sofrem as consequências que os jovens de periferia sentem no dia a dia. Eles, de modo geral, não são colocados na categoria “bandido” e, como é possível observar na situação que Mateus narra, muitas vezes não sofrem as consequências de um crime cometido. Nesse sentido, as práticas do meu entrevistado parecem se aproximar mais daquelas direcionadas aos criminosos, em que a carga negativa da prática se concentra no ato, e não na pessoa, como nos bandidos (Misse, 2010).

A gangue que Mateus ingressou se baseava primordialmente em territórios, se dividindo pelas localidades. Tinha membros em algumas quadras específicas da Asa Norte (como a que Mateus morava), em Sobradinho e, ele relata que, na época, era uma das maiores do Distrito Federal. Essa gangue tinha “muitos rolos”, confusões com gangues que se espalhavam por outras quadras da cidade. Com muitos integrantes, suas atividades eram bastante diversificadas. Pichações, comércio de drogas, roubos e brigas com outras gangues. A principal atividade que Mateus estava envolvido era com as pichações, motivo pelo qual ele foi pela primeira vez levado para a delegacia:

Nessa gangue tinha a questão das pichações, né, quem pichasse mais... Todo mundo tinha seus apelidos, e aí a ideia da pichação é ficar famoso, né, pichar pra ficar famoso. Então, a gente tinha esse ideal, de ser famoso. Coisa de jovem, adolescente, e hoje eu vejo que é um vazio total você querer pichar pra ficar famoso. Pra quê e pra quem? Por quê? Na época, a ideia era: quem pichasse mais e fosse mais famoso, brigasse mais, tem mais moral no meio dos jovens, é mais respeitado... [...] Toda noite, toda madrugada pichava. Saía com as galeras e num desses dias a gente falou “ah, vai dar nada não, vamos pichar de dia”. Foi eu e mais um amigo. Ele era maior de idade e eu menor. A gente foi ali no Banco do Brasil [...], e aí enquanto ele subiu no ferrinho pra pichar, tinha gente na parada, de tarde isso. Ninguém pichava de tarde. É burro né? A gente já tava tão cego que “ah, vamos pichar né?” e aí começamos a pichar. Ele pichando e eu vigiando. Quando a gente menos espera e polícia sobe o canteiro do outro lado da W3. Já veio com arma apontada. Aí eu corri só que aí o cara tava muito perto, eu achei que ele fosse atirar, aí ele pediu pra eu deitar no chão, eu deitei, algemou a gente e levou. Eles ameaçaram, falando “agora vocês vão ver e tal”. A gente pensou até que eles iam levar a gente pro mato, pra matar ou dar uma surra. Aí o pessoal falou “aqui ó”, pro pessoal que tava na parada de ônibus, “isso aqui amanhã ele vai tá vigiando enquanto você tá tirando seu dinheiro ali no banco o outro vai tá te assaltando e esse aqui vigiando. Hoje é só a pichação, mas amanhã... Aí o pessoal ficou tudo rindo, sei lá, zoando e a gente foi preso, mas não foi nada demais não isso daí. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Além das pichações, outra atividade que Mateus frequentemente se envolvia eram as brigas e disputas com as gangues rivais. Como outras quadras residenciais eram dominadas por outras gangues o contato ao circular pelo próprio bairro propiciava o encontro entre eles. O evento mais marcante nesse sentido aconteceu quando ele estava, sozinho, passando por uma quadra dominada pelos rivais. Quando avistou de longe os integrantes da outra gangue, que estavam incitando-o a seguir por lá, decidiu voltar. Nesse caminho, encontrou um rapaz que trabalhava no comércio e não tinha

envolvimento com nenhum dos grupos, e então Mateus teria lhe avisado que seria perigoso passar por lá, pois o outro grupo estava esperando por ele. O homem, porém, seguiu e foi duramente espancado. O irmão do rapaz ferido, então, foi pedir ajuda aos membros da gangue de Mateus

A gente na quadra, num sábado, vinha um cara atrás de mim andando, um cara que trabalhava na quadra, não era da gangue. Os outros caras da outra gangue foram lá quadra tudo com madeira, esses estrados de cama bem grosso assim, e eu vinha chegando perto de um parquinho lá quando eu olhei os caras “ó, chega aí” e tal, e aí eu vi que eram os caras da gangue rival falei “cara, não vou”. Aí eles “ah, tá com medo?” e eu falei “tô mesmo” e voltei. No que eu voltei esse cara que tava vindo atrás de mim não sabia que os caras tavam indo lá pra me pegar e eu expliquei pra ele “ó, não vai pra ali não que aqueles cara tão vindo aqui. Eles podem te confundir” aí ele não acreditou e foi. E esses caras quase mataram ele. Ele ficou estirado lá, no dia seguinte o irmão desse cara veio pra gente pedindo ajuda porque quase mataram o irmão dele, tava na UTI, e o que a gente poderia fazer. E aí a gente juntou mais de 80 pessoas na quadra e começamos a beber. Todo mundo com pedra, faca, pau e invadimos essa outra quadra, pegamos um dos caras na portaria do prédio, quebramos tudo. Quebramos os vidros do prédio com pedrada. Nem sabia onde os cara morava, mas como sabia que era naquela quadra... Por vingança, né? E desenfreado né? Sem rumo. E o cara saiu na janela, começou a atirar, meter bala “pá, pá” a gente começou a correr todo mundo. Já tinha helicóptero, já tinham acionado a polícia e eu chegando perto do meu bloco foi quando eu fui preso. A segunda vez. A polícia me pegou, eu fiquei uma noite só na delegacia, fomos pro IML, foram presos mais alguns outros caras comigo também” (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

A gangue que Mateus fez parte, hoje, não existe mais. Com o tempo ela foi diminuindo, voltando seus esforços para o roubo de carros e tráfico de drogas, e poucos dos integrantes continuam até hoje envolvidos com essas atividades. Segundo Mateus, cerca de doze ou treze “dessa galera que andava com a gente” estão presos.

Nesse contexto, a vivência de Mateus, um jovem branco e morador de um bairro de classe média alta, parece se aproximar mais de um jovem conflituoso, do que do perfil de “bandido” traçado por Misse. Somados a essa vivência na “gangue”, somam-se problemas familiares que talvez ajude a compreender o motivo pelo qual dentro da igreja -que também se situa em um bairro nobre da cidade- o seu perfil é condizente ou se aproxima de forma suficiente de “bandido”, para que ele me fosse apresentado.

Mateus relata que o convívio familiar não era harmônico, principalmente ao se referir do relacionamento de seus pais. Hoje, já convertido, enxerga que os valores transmitidos a ele são discrepantes daqueles que ele possui sendo membro da igreja. Todavia, ele não entra em detalhes de grandes acontecimentos traumáticos da sua infância e começo da adolescência, detendo-se em problemas de relacionamento dos pais e o uso de álcool do pai. O momento marcante dessa relação apareceu quando sua família regressou ao estado natal, deixando Brasília, e ele pediu ao pai para que permanecesse na cidade, dizendo que os pais de um amigo já haviam aceitado que ele passasse a morar com eles. Os pais do amigo, na realidade, não tinham conhecimento do fato. A partir desse

momento Mateus começou a viver sozinho, longe da família, em uma situação desconfortável de “agregado”, com uma sensação de que havia sido deixado “pra trás”

Cara, eu fiquei de agregado lá, assim, depois a gente viu e brincou da situação, mas foi algo sério, né? Porque do nada tem uma pessoa morando na sua casa. Você vai querer saber o porquê, né? E eu expliquei e tudo e fiquei morando lá. Então eu não tive muito contato com os meus familiares, mais com essa família, né? (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Para Mateus, esse momento representa o passo que sua família deu para se “livrar de um problema”. De um menino complicado, mas com algum apoio familiar, ele passou a estar plenamente “solto no mundo”.

A trajetória de João, que cresceu na expansão do Setor O em Ceilândia, tem um caminho diferente da de Mateus. Seus pais também não nasceram no DF, e quando vieram, foram para Ceilândia como vários retirantes nordestinos (Peixoto, 2017). Nesse contexto, ele descreve uma vivência cercada de violência desde a primeira infância, com relações familiares sendo apontadas como um ponto de formação em sua história

Na minha família, meu pais são do interior, né? Meu pai e minha mãe. Eles vieram pra cá bem novinhos, e eu cresci no meio de muita violência. Não que eu... Eu cresci, assim, do jeito que você está me vendo aqui, tranquilão, na minha, calado, mas cresci numa família violenta. Meu pai, como ele é do Nordeste, ele tem essa tendência de resolver as coisas na brutalidade, tipo, ah, já quer brigar, as coisas dos pais de antigamente. Então, ele batia muito em minha mãe. Batia na minha mãe, trocava ela por outras mulheres, ela via, aí chegava em casa e dava aquela briga, porque ela não gostava, e acabava os dois um ofendendo o outro e ele batia nela, agredia muito ela. E eu via muito isso. Desde pequenininho eu fui criado assim. Meus tios, que eram os irmãos dele, tudo violento. Chegavam em casa dando tiro nas portas de casa, batiam nos filhos com cassetete, era uma loucura. E eu cresci vendo essas coisas. [...] Acho que o que eu recebi do meu pai eu fui guardando, imitando e aprendi que a gente tinha que resolver as coisas na violência, né? Por exemplo, chegava em casa, alguém “ah, o menino me bateu na escola” (ininteligível) “mete um murro lá”, mandava resolver dessa forma (João, entrevista realizada em março de 2018)

Com o avançar da idade e a chegada da adolescência e a maior convivência da rua, um lugar segundo DaMatta (1997) com uma série de hierarquias a se compreender, um lugar de maior tensão que segue uma dinâmica hobbesiana, ele começa a ter o convívio com outros adolescentes da região em que morava e passaram a envolve-lo gradativamente com o “mundo do crime”, começando com o uso de álcool e cocaína:

Como eu cresci na Ceilândia... Não que lá seja ruim, mas o pessoal de lá é mais voltado pra esse lado da malandragem; os meninos tal, é muito na droga, e eu fui crescendo e tendo aquela influência, né? E, quando nos meus quinze, dezesseis anos, aí eu comecei a fazer o que eles faziam também; comecei a usar droga, ficava cheirando cocaína. Bebia muito. Saía pra beber e bebia demais com os meninos. (João, entrevista realizada em março de 2018)

A Ceilândia é reconhecidamente no DF como um lugar dos “pebas”, dos malandros. O trabalho de Gilvan Silva (2009) sobre a suspeição policial no Distrito Federal nos ajuda a compreender

o estigma que recai sobre os moradores da região. Como em uma incursão policial em que os agentes, ao saberem que o condutor de um veículo era morador da região, intensificaram as buscas no seu carro

“Durante a busca no Golf, por meio da entrevista realizada, descobrimos que o condutor era morador da cidade de Ceilândia-DF, informação que levou a aumentar a suspeição e, nesse sentido, a atenção voltou-se para a busca dentro do veículo, procurando por debaixo do pneu estepe, balançando as portas para ouvir se tinha algo dentro solto, por debaixo dos bancos, dentro do banco traseiro, no motor e por debaixo do veículo” (Silva, 2009, p.106)

Ou ainda em uma manifestação da Universidade de Brasília logo após uma operação realizada pelo BOPE da PMDF, em que

“Entre cartazes de protestos com figuras de policiais caricaturadas como cachorros, ouviam-se gritos: ‘Por que não vai para a Ceilândia procurar bandidos?’. Tão autoritária quanto a expressão ‘Você sabe com quem está falando?’, a expressão utilizada pelos estudantes universitários da UnB também é uma tentativa de se tornarem diferentes dos típicos indivíduos suspeitos, moradores de cidades suspeitas.” (Silva, 2009, p.160)

Com a sua juventude vivida nesse ambiente de suspeição, a sociabilidade também parece como caráter importante na trajetória de João. O seu cotidiano é permeado pela violência urbana, onde o uso da força tende a se apresentar como princípio regulador das relações sociais, propiciando uma sociabilidade violenta (Machado, 2004). Essa vivência se contrapõe a de Mateus, que insere que a gangue era um grupo específico das “más companhias”, demarcado dentro dos jovens com quem convivia. João aponta que as amizades, sem distinção de uma ruptura de grupo, estavam envolvidos com essas atividades ‘marginais’. Era a forma geral de agência dos outros homens jovens que moravam na Expansão do Setor O. As opções e escolhas de trabalho e lazer perpassam essa esfera e, a partir do final da adolescência, ele começa a praticar assaltos:

E com meus dezoito anos, dezenove, eu estava fazendo assalto com os meninos. Os meninos passavam... Você tinha amizade, né? Que eu morava na Expansão do Setor O, que é uma cidadezinha lá da Ceilândia, e antigamente era bem... Hoje em dia é o Sol Nascente, né? Que não existia o Sol Nascente, então parava na Expansão. Então, começou o Sol Nascente. Era muito perigoso. E eu fui vendo que lá as coisas se resolviam era no tiro e na, tipo assim, quem tinha mais arma pra poder... Eu fui vendo aquele ambiente, aí comecei, os meninos me convidando: bora fazer assalto não sei aonde, esquematizavam lá os assaltos e eu ia, ia junto. No começo eu ia pra dar as fugas, né, fazia saidinha de banco, fazia... Era alguns comércios, era fábrica, a gente invadia as fábricas, enchia o carro de coisas e repassava pros mercados, alguns mercados que compravam. Só que isso não para só essa semana. Daqui a pouco vem outro, daqui a pouco vem outro. Aí o dinheiro que eu pegava de serviço, com um dia, comprava arma, comprava armas, o menino chamava pra ir pros bailes, quando tinha Racionais, não sei se você conhece; ia pros Racionais lá em Taguatinga, Pistão Sul. A gente enchia o carro de arma e falava: vamos, agora a gente pode ir. Ia pros bailes dos Racionais, e... a tendência era só aumentar, né? Eu bebia muito. Eu comecei a beber nos fins de semana, daqui a pouco tava bebendo na segunda, daqui a pouco na quinta, sexta, sábado, domingo; eu ficava emendando. Aí cheirava cocaína com os meninos pra, na hora do meio da... Eu não era viciado, né?

Mas era, tipo assim, eu ia por influência.. [...] Tipo fazendo pra poder até ser aceito, né? A gente quer ser aceito lá, e faz o que todo mundo está fazendo, senão você fica como um estranho no meio dos outros, né? [...] Tipo assim, todo mundo curtia (ininteligível), né? Cheirando, fumando, bebendo. Aí só eu lá, sem fazer nada? Eu ia ser o estranho da história. (João, entrevista realizada em março de 2018)

As situações que envolviam violência eram para João um aspecto da vida cotidiana. Perpassava, além do lazer e da subsistência, uma maneira de conviver com as pessoas. Apesar de um perfil muito calmo, e relata que sempre foi assim, as brigas eram recorrentes. E como resultado de uma delas foi que ele foi levado para a delegacia

Eu tava num bar lá, chegou um cara desses meio folgado, folgando com todo mundo, veio pegar na minha mão e eu de braços cruzados. Ele falou: vai pegar na minha mão não? Eu falei: não, eu não pegava, era marrentinho, né?. Falei: não te conheço. Beleza. Eu estava com uma jaqueta. Ele pegou um cigarro “deixa eu ver se é de couro mesmo”, e apagou o cigarro na minha jaqueta. Beleza, saí caladinho. Eu tinha um Opala, de “mala”, na época. Debaixo do painel eu fiz um negocinho, tipo um consolezinho pra colocar os revólveres que eu usava. Aí eu fui lá, puxei, tirei, os meninos avisaram, falaram alguma coisa pra ele, não sei se foi pra ele correr. Eu sei que ele saiu. No que ele saiu, eu corri atrás dele atirando. Ele entrou na casa correndo, daí eu voltei pra lá. Quando foi umas três, três e meia, meu pai chegou: “filho, a polícia está atrás de você, o que aconteceu?” Eu falei: “não aconteceu nada; pega o carro e vai pra casa”. Falei desse jeito com ele, meio grosso. “Não, vamos embora”, falei: “não vou embora; pega o carro e vai embora”. Ele pegou o carro, levou pra casa e eu fiquei. Quando foi umas quatro horas, a polícia chegou e me levou pra 24ª. Lá eu fiquei até umas dez da manhã. Me perguntaram: “e a arma?” Eu falei: “que arma?” Eu neguei, né? (ininteligível) tinha nada. Neguei. Acabou que o menino parece que eu fui atrás dele era não sei o que lá da Aeronáutica, ele chegou nervoso na delegacia, não sei o que, aí o policial... Não, ele mexeu comigo, mas só corri atrás dele, não fiz nada não. Ele falou: “mas ele falou que você atirou”, “não atirei em ninguém não”. “Era o que que você tava?” “Era o celular”. Tudo eu negava, dei um jeito lá. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Desde os momentos de lazer até os momentos de subsistência, havia um tensionamento nas relações, uma espera de um comportamento que se aproxima ao perfil de “bandido” defendido por Misse (2010).

3.3 O processo de conversão

A primeira aproximação de Mateus com a igreja aconteceu em 2005, quando tinha 19 anos. Nessa primeira visita só ficou três meses frequentando as atividades. Em 2009, então com 23 anos, voltou a se aproximar e então “firmou”¹⁸. O convite, em ambas as ocasiões, foi feito pelo mesmo rapaz, um ex-membro da gangue da qual Mateus participava.

¹⁸ Não deixou de frequentar a igreja.

Os dois se conheciam da quadra onde moravam, jogavam bola juntos, e entraram para a mesma gangue, mas não eram propriamente amigos. O primeiro convite aconteceu depois de o rapaz sumir por algum tempo, se afastando das atividades da gangue por cerca de dois anos. Quando regressou, e foi chamar os meninos que ainda participavam, houve um estranhamento

E ele voltou transformado, falando de Deus, o pessoal achava estranho porque, pra gente, pro ser humano, ninguém muda da água pro vinho, ninguém muda... Na verdade não é da água pro vinho. Ninguém muda “ah, foi pra igreja e mudou”. Muita gente não acredita nisso. E ele foi, a gente não sabia que ele tinha ido pra igreja, e voltou. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Houve uma descrença latente de que ele poderia ter passado de um estágio marginal, de “bandido” para um crente de Deus. Enquanto “habitantes do mundo”, eles acharam estranho essa mudança de comportamento. Mateus inclusive demonstrou essa preocupação no início da nossa entrevista. Ele hoje, enquanto evangélico, consegue entender essa passagem, do que se fez antes de se converter e da pessoa que é hoje. É um marco que divide etapas, mas que aqueles que não circulam dentro da igreja podem ter dificuldade de compreender

Porque tem coisas que, se for perguntar meu testemunho, se eu chegar para um policial e falar que eu, é, sei lá, fiz algo de errado, ele foi ensinado, ele aprendeu... Eu tenho muitos amigos que eram do Choque, que é PM, que é capitão, que tal... Tem capitão da polícia, capitão da PM que é pastor. Se eu chegar pra ele e falar assim: ah, deu um soco ontem na... Ah, você deu um soco ontem? Cara, você está se entregando, entendeu? [...] Eu já tenho uma concepção diferente, porque Deus me mudou. Antes eu não acreditava, porque eu não tinha tido uma mudança verdadeira. Então eu não acreditava. Pô, o cara que é de tal jeito, grosso, estúpido, tem como mudar? (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Apesar do estranhamento, Mateus foi conhecer a igreja. Segundo ele, não “firmou” porque ainda não estava pronto ou interessado o suficiente na vida espiritual. E, através do livre arbítrio que Deus teria lhe concedido, ele podia escolher ficar ou não, mesmo tendo “provado algo maravilhoso”. E foi isso que fez, regressou às atividades da gangue, às bebidas e às drogas. Todavia, relata que não conseguiu esquecer o que tinha vivenciado no período em que esteve na igreja. Então, em 2009, recebeu um convite do mesmo rapaz, que hoje é pastor, para ir à igreja, e desde então não deixou de frequentar a igreja. A partir de então começou sua caminhada para se tornar um membro de fato daquele círculo, um caminho de cerca de um ano de rituais e liminaridade (Turner, 2004).

João, por outro lado, teve uma caminhada maior até chegar ao Sara Nossa Terra. Ele foi à SNT pela primeira vez em 2007, e “De lá pra cá, eu nunca saí, nunca desisti, nunca olhei pra trás, nunca voltei, porque eu sei de onde eu vim e eu sei onde Deus me colocou. Assim, eu não quero voltar pra lá. Eu não quero” (João, entrevista realizada em março de 2018). Até que ele fosse até lá, porém, foi um caminho com várias etapas.

Sua mãe foi a primeira do seu pequeno círculo familiar a se converter, segundo ele como forma de escapar ou tentar mudar a realidade tensa e conflituosa da sua casa. Na família mais extensa, sua tia é pastora, e seus primos eram membros assíduos da mesma igreja. O ‘mundo’ evangélico já andava perto do seu ‘mundo’. Porém, houveram alguns momentos marcantes para que João passasse a repensar a sua caminhada. Em um deles, a forma com que o assalto foi feito o fez repensar os limites da sua prática, associada ao rompimento de um relacionamento amoroso, onde sua companheira enxergava na sua prática a de uma pessoa “sem futuro”

Eu lembro que o último assalto que a gente fez foi uma mansão, que o pessoal, os meninos, quatro meninos invadiram lá. Aí lá foi meio pesado. Eu saí de lá meio abalado, né? Porque eles amarraram o pessoal da casa, a mãe, e amarraram as criancinhas, que eram os filhos. Pegou todo mundo, trancou num banheiro. Pra mim foi pesado. Ali foi o último. De lá pra cá, eu lembro que eu tinha um relacionamento lá, e através assalto, a menina não quis mais saber de mim, porque, pô, ela que futuro vai ter? Ela queria noivar, casar, essas coisas, e eu tava só indo pro buraco, né? (João, entrevista realizada em março de 2018)

Enquanto ele estava nos bailes, dias sem voltar pra casa, vivendo no “mundão”, sua mãe frequentava uma igreja perto de onde eles moravam, na Ceilândia. Motivada por um período em que a situação familiar estava bastante conturbada, ela aceitou um convite e a partir desse momento os conflitos em casa se tornaram mais constantes

Teve uma vez que eu saí e um menino esbarrou no meu ombro. Aí ele falou “ah, foi mal”, eu falei “beleza”, e saí. Aí voltou... Na rua. Aí ele veio e me abraçou: “não, eu vou te pagar uma bebida ali”. Eu falei “não, quero não”; “não, não sei o quê”, e ele me abraçou. Quando ele me abraçou, eu fiquei com raiva e já virei batendo. Aí a gente brigou, e eu lembro que quando eu cheguei em casa eu tava com um corte aqui no peito. Acho que ele tava com um canivete e eu nem senti. Cheguei tava sangrando; rasgou a camisa e o sangue, uma cicatriz assim... Aí minha mãe viu e começou a chorar, desesperada; minha casa destruída, meu pai bebendo muito, meus irmãos tudo chorando. Uma época lá meu irmão desmaiou de fome, o meu irmão mais novo. Eles saíam... Quando era época de festa, Natal, Ano Novo, essas coisas, eles começavam a brigar, sumia cada um prum lado e largavam a gente sozinho. Aí, em casa não tinha nada pra comer. Aí eu vi meu irmão desmaiar de fome, porque eles sumiam três, quatro dias e não apareciam, e a gente não sabia fazer nada. Aí nessa situação, minha mãe, alguém convidou ela pra igreja. Foi aí que começou a mudança (João, entrevista realizada em março de 2018)

A partir desse momento, a sua mãe começou a orar por ele, e os reflexos dessa intenção foram começando a aparecer a medida em que João se envolvia com atividades não condizentes com práticas da igreja. Ele continuava em festas, andando com as mesmas amizades, e houve um período de confrontos com a mãe

Eu lembro que eu ia pros bailes, chegava três horas da manhã, quatro horas, quando eu abria a porta, no escuro, ela estava atrás da porta, me esperando. Ela estava orando, essas coisas, por mim. Oi, tal... Eu passava, revoltado, entrava e ia dormir. Tipo: sou (ininteligível) vai dormir. Chegava em casa, às vezes eu quebrava tudo, quebrava, dava murro em tudo, quebrava copo, portão. Ela botava um louverzinho no som, eu dava murro no som, quebrava, e botava nos rap lá bem altão. Meia noite isso. Meia noite e meia, quase uma da manhã, eu fazia a maior bagunça. Chegava em casa quebrando tudo. E ela, uma vez, eu lembro que ela colocou a mão no meu ombro e falou: ó, Deus tem a promessa

na sua vida, Deus tem uma aliança com você, e Ele vai cumprir. Quando ela falava “Deus”, eu murchava, porque eu chegava quebrando tudo e tal, quando ela falava “Deus” eu já tinha temor: não, no Deus eu não mexo. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Houve um momento marcante, provocado a partir dessas reflexões com a mãe e das suas práticas, quando se defrontou com trabalhadores, e os identificou como antagonistas da vida que estava vivendo, e como também identifica Misse (1997) ao confrontar a figura do trabalhador com a do malandro, e João começou a se questionar que não havia saída para a vida que estava vivendo, se não o cárcere ou a morte.

Aí teve uma vez que eu saí pra beber, e eu virei de sexta pra sábado. Eu saí com os meninos, a gente parou na porta de um supermercado com um litro de pinga. As meninas dormindo, a gente acabou dormindo lá no chão mesmo, lá à noite. Aí eu acordei de manhã, acho que era umas sete horas, eu vi o pessoal indo trabalhar. Acho que ali Deus me mostrou. É isso que tu quer pra tua vida? Eu senti que ou ia... Acontecer alguma coisa comigo, né? [...], eu comecei a chorar, né? Ver o pessoal indo trabalhar, olhei pro lado, os meninos tudo bêbado lá, eu com uma garrafa de (ininteligível) cara, eu senti na hora: ou eu ia preso ou eu ia morrer. A maioria dos meus amigos hoje em dia não estão mais vivos, e os que estão vivos, alguns foram presos, já saíram e estão tentando, de alguma forma, porque já estão mais velhos, tal, sobreviver por lá, do mesmo jeito. Esse amigo que eu acordei na porta do supermercado, hoje ele está no crack, que a gente chama ele de Renato. De 2008 pra cá eu não vejo mais.

(João, entrevista realizada em março de 2018)

Nesse contexto de desesperança, João começou a se aproximar das investidas de sua mãe e a observar aquilo que identificou como sinais da influência do Espírito Santo quando ele ia a lugares que são contrários às crenças evangélicas, ou quando se comportava de um modo que não seria aprovado nesse meio

Cheguei em casa minha mãe tava lavando louça e tava ouvindo uma música bem antiquinha, Trazendo a Arca, que é “Deus de alianças, Deus de...” [...] Bem antiquinha. Aí, nisso, eu sentei no sofá e comecei a chorar. Senti a presença de Deus ali muito forte, assim, uma confirmação, né, porque eu tinha pedido: se tu existe mesmo, quero ver tu mudar a minha vida aqui. (ininteligível) Duvido. Aí, beleza, acho que tocou na hora. Comecei a chorar, minha mãe só olhou de lado, continuou na louça dela. Tipo ela sabia que era Deus. Nisso, acho que alguma coisa dentro de mim mudou. [...] Quando eu ia pros bailes, quando dava uma hora da madrugada, duas horas, eu queria entrar, só que na porta tinha os seguranças. Quando eu entrava, me dava ânsia de vômito. Aí eu voltava pra porta, ficava lá com os seguranças. Aí eu lembrei que minha mãe falava que não era de Deus... Falando de Deus pra mim. Isso vinha na minha cabeça. Aí, beleza, eu “que nada”, não sei o quê. Eu comigo, eu brigando sozinho, eu e Deus lá. Aí eu entrava. Quando eu entrava, aquela fumaça de maconha... Porque os meninos fumavam maconha lá dentro. Fumaça de maconha, bebida, aí eu vomitava. Horrível. Só que eu não vomitava, eu ficava só com aquela ânsia. Aí, eu: caramba! Nisso eu fiquei até quatro horas da manhã nessa briga: eu chegava lá dentro, o Espírito Santo incomodava, eu voltava. Quando eu chegava em casa, minha mãe estava em pé, atrás da porta, quatro horas da manhã. Eu não entendia, mas hoje... Aí eu tive uma percepção, agora eu entendo: ela orava, eu entrava, o Espírito Santo incomodava, eu voltava. Tipo, eu fiquei brigando, e ele falou “não, tu não vai”, e eu falei “eu vou”, e eu teimando, porque eu era teimoso, e tudo... Nisso eu fui mudando, aí eu fui me convertendo. (João, entrevista realizada em março de 2018)

João, a partir desses eventos que identificou como sinais do espírito santo, começou a aceitar os convites da mãe para ir na igreja, estava disposto a conhecer esse novo mundo a partir da agência externa de sua mãe combinada com suas anteriores reflexões sobre suas práticas. Porém, por mais que estivesse aberto a alguma experiência com a igreja, a falta de identificação com as pessoas, as músicas, o vestuário daqueles que frequentavam a mesma igreja que sua mãe, fez com que ele não se sentisse confortável naquele local

Nisso ela foi orando, e uma vez ela me convidou pra levar ela na igreja. Eu fui. Chegou lá tinha umas senhorinhas, ah, não sei o quê, apresentou e tal, e eu todo marrento, que eu usava aqueles bonezão aba reta, os bermudão lá quase no calcanhar. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Seguiu então um convite dos primos que já frequentavam a igreja, e foi nessa situação que João experienciou ter um primeiro contato com Deus

Eles vieram em mim e me convidaram pra ir na igreja deles, aí eu fui. Lá teve um acampamento, que eles fizeram, tal, aí no acampamento começamos a jogar uma bola, tal, brincando e tudo, aí ela deu tipo uma palavra. Foi lá que eu conheci, assim: cara, Deus existe, vi algumas coisas, Deus é fera... Só que lá eu não fiquei, porque é família, tipo tudo família, primo, tio, acho que aqui não. Aí eu fiquei em casa, lá, tranquilo. Isso já tinha parado com tudo. Os meninos iam me convidar, duas horas da manhã, batiam no meu portão, os caras lá da rua; eu saía... Minha mãe “tem alguém te chamando”. Chegava lá no portão, o menino “ó, tem um assalto pra gente fazer ali”. Antes eu ia (ininteligível) aí eu falei: não, véio, não vou não. Falava “não”, os meninos insistiam, eu não vou não. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Como é possível identificar na fala de João, ele estava aberto para o mundo evangélico, interessado, mas não queria associar a sua vida religiosa com a vida familiar. Foi só quando um amigo, que havia compartilhado das mesmas experiências que ele, fez o convite para que ele fosse para o Sara Nossa Terra é que ele finalmente se sentiu confortável

Eu tenho um amigo, o Gabriel. Ele canta rap, e mora na Ceilândia. Ele me trouxe. Um dia ele me convidou. Eu estava... A gente era muito amigo de rua, a gente andava na rua, e tal, ele cantava rap, eu ia com ele, enfim, ele veio, deu uma sumida. Passou quase um ano, ele apareceu. Eu estava no portão de casa, ele apareceu. Aí ele me convidou pra vir conhecer, em 2008; de 2007 pra 2008. Aí eu vim. Conheci o Arena, gostei. Cheguei meio travado, né, porque, assim, os lugares onde eu ia antigamente era briga. Eu ia nos bailes rap, né? Os lugares que eu ia tinha briga, era tiro, era não sei o quê, era violência. Porque o pessoal bebia; na hora que bebia já queria bater nos outros, né? Então, queria dar tiro no outros, queria matar. Então, eu cheguei aqui e, ó, esse pessoal pulando, esbarrando no outro e não vai brigar não? (ininteligível) aqui é igreja, e tal. Falei: estranho, né? Fiquei meio caladão, na minha. Mas, aí, fui vindo, né? Gostei de vim, fui conhecendo, fiz laços de amizade com o pessoal... Enfim, fiquei até hoje. Nunca saí, nunca desisti. A gente passa por dificuldades, claro. Todo mundo passa. Só que, com Deus a gente passa, imagine sem. A gente passa por altos e baixos, mas, assim, é o normal. (João, entrevista realizada em março de 2018)

O amigo de João, porém, não ficou muito tempo na SNT. Gostando muito de cantar RAP, estilo musical tradicional e que tem uma cena muito forte em Ceilândia, Gabriel deixou de frequentar a Sede da SNT e migrou para outra igreja onde moravam, onde tinha o espaço para cantar o estilo musical. A relação com o RAP também faz parte da trajetória de João. Ele conta que era seu estilo

musical favorito, mas que com a conversão passou a ouvir RAP gospel durante um período, mas hoje não escuta nem sente falta. Foi uma marca de vivência passada que hoje já não faz sentido em sua vida dentro da igreja. Ele só escuta no carro quando está levando novos meninos para a igreja.

João, assim como Mateus, relatou a resistência dos amigos que se converteram antes deles no meio da “galera” com quem ele andava. Em ambos os casos, houve um período em que os amigos convertidos sumiram do convívio entre eles, não apareciam mais.

Durante esse um ano, ele deu uma sumida mas, assim, da amizade comigo, né? Ele estava aqui e eu estava lá no mundo. Ele estava na igreja e eu estava bebendo. Assim, ele deu uma sumida e eu não entendi. Depois de quase um ano, ele voltou, e aí que eu fui entender. É porque ele tinha vindo pra cá, ele foi pro Revisão de Vidas, se converteu e tudo. Aí foi todo um processo, acho que Deus tirando toda aquela coisa ruim dele, né, que ele vivia também lá com droga, bebida, essas coisas. Quando ele estava já totalmente transformado, quando ele viu o que deus fez na vida dele, ele foi levar pra mim, que é o que eu estou fazendo depois também, com outros meninos. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Esse período de rompimento de laços é crucial na iniciação dentro da igreja. Para a entrada nessa nova comunidade, é preciso que haja esse afastamento dos laços anteriores para a iniciação em um outro sistema de códigos (Turner, 1974). O momento em que os amigos desapareceram do convívio dos velhos conhecidos faz parte da sua separação (Van Gennep, 1978), e o retorno para novos convites depois que foram reagregados. Dessa forma, quando voltaram a ter contato com as antigas companhias já tinham cumprido o processo de conversão, não corriam o risco (ou ele havia se tornado menor) de não se tornar um membro da igreja.

Na experiência de João e Mateus o distanciamento dos “velhos amigos”, a separação, foi gradual. A medida que foram fazendo parte da igreja, deixaram de compartilhar dos valores e das motivações dos jovens que estavam “no mundo”, e passaram a se fechar cada vez mais no mundo da igreja e na sua rede de sociabilidade, passando a se submeter a ela (Turner, 1974). Mateus fala muito como o processo de mudança foi acontecendo aos poucos, não havendo um marco em que ele enxergasse essa mudança, fazendo sentido de acordo com o processo ritual complexo relativamente longo para se tornar um membro da SNT

Não, não tem um quadrado lá que você tem que ir, que depois de tal dia.. Não. Depende muito de como você abre seu coração pra que você possa receber a palavra de Deus. E encaixou muitas coisas do que eu vivia na época. O que estavam pregando lá sem nem me conhecer. Poxa, gerou uma curiosidade que gerou uma expectativa no meu coração e eu falei “poxa”, eu comecei a entender que o ser humano ele não muda muito de um pro outro, o que muda são as intensidades (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Como parte de separação do seu eu anterior, as amizades também foram diminuindo no mundo e aumentando na igreja com o fomento dos seus líderes, sendo clara a tentativa de mudar elementos que distinguem esses dois “mundos”, como gírias, vestimentas, etc

esse líder me ajudou muito, dava direcionamentos... Ele morava na Asa Sul, ele é totalmente diferente: anda de skate, tal, maior legal. [...] Bem diferente do que eu vivia. Aí eu fui conhecendo pessoas, né? Conheci ele, aí me apresentava alguém ali, apresentava outro aqui, mas, assim, o interesse dele não era que eu... Apresentava pra apresentar por apresentar, mas pra eu poder começar a ter comunhão com o pessoal daqui e deixar as amizades de lá, entendeu? Eu fui criando amigos aqui, criando laços, e fui entendendo e isso foi mudando meu caráter. Aí eu abri minha primeira célula, comecei a fazer evangelismo, convidava um aqui, outro ali, tal, e através desse meu trabalho fui ganhando experiência, fui mudando. Mudei as roupas, a maneira de vestir, o jeito de falar. Eu falava gíria... Malandro fala meio cantando, né? Comecei a tirar as gírias (João, entrevista realizada em março de 2018)

É claro o movimento no sentido de mudar a rede de sociabilidade desses jovens. A mudança de João mostra como há também um componente geográfico e de classe nessa mudança. O seu líder, morador do Plano Piloto, se mostra como um ponto crucial para o meu interlocutor no processo de enxergar uma nova vida. Não se trata somente de mudanças espirituais, mas da própria condição de vida e de classe que pode mudar a partir da aproximação com a igreja. Nesse sentido, é frequente o tema do emprego, melhoria da qualidade de vida e empreendedorismo como temas principais nos próprios cultos. Até a metodologia utilizada nesses momentos difere das palavras que possuem um cunho mais espiritual. O próprio Instituto de Vencedores permite pensar nessa aproximação, uma vez que a vitória está também em conquistar um novo ‘estilo de vida’.

Nesse sentido de mudança de vida, com o aspecto material muito presente, o ciclo de conversões continua. Na lógica do crescimento da igreja, aqueles que se converteram vão em busca dos velhos amigos, ou de pessoas que tenham algum nível de experiência compartilhada para trazer para a Sara Nossa Terra. Há uma busca por pessoas com perfil semelhante para fazerem o convite à igreja. Meninas costumam fazer o convite para meninas, meninos tímidos para meninos tímidos, etc. Essa estratégia é perceptível quando, por exemplo, João é o designado para abrir células na Estrutural, uma RA de grande vulnerabilidade econômica.

No caso de João e Mateus foi o convite de amigos a marca comum de início do processo de conversão na Sara. Para Mateus veio pelo seu amigo que permanece até hoje e é pastor na SNT. Uma segunda figura importante em ambas as histórias foram os líderes que lhe acolheram na igreja. Neles eles enxergam os ensinamentos recebidos, as fontes das inspirações, o acompanhamento na trajetória de conversão.

A partir do convite, começaram a acompanhar células, até estarem ambientados à igreja e terem algum conhecimento sobre as dinâmicas para poderem ir ao evento que dá início ao processo de conversão, de se tornar um membro da igreja, que é o Revisão de Vidas. Mateus identifica ali um importante momento de mudança, um passar de estágios. Foi o momento de contato com um “ser transcendental para além da religião”, a partir do qual os comportamentos dele começaram a mudar

“Eu vim a compreender isso só depois. As vendas caíram depois que eu recebi a presença de Deus de verdade, não foi a religião. A religião é mais uma organização. Mas quando eu fui cheio do espírito santo, que numa sexta feira eu fui pro encontro (Revisão de Vidas), sábado e domingo, que eu voltei na segunda não sentia vontade nenhuma de beber, de fumar, de me drogar, de nada, aqueles anseios, angústias, depressão que eu ficava não tinha mais, aí eu fiquei fascinado, né?” [...] então o Revisão é tremendo. A gente aprende um novo estilo de vida (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

João também aponta o Revisão de Vidas como sendo o contato que teve com o transcendental, com Deus. Foi o momento em que ainda estava com os símbolos do seu eu antigo, como ele faz questão de afirmar me mostrando fotos da época durante a nossa entrevista onde estava com um grupo de amigos em Ceilândia onde todos usavam bonés de aba reta e bermudas largas. A partir do Revisão o processo de conversão foi acontecendo, sempre com o acompanhamento de um líder, e com sua continuidade com o Instituto de Vencedores, como João nos explica

Em 2008, 14 de março de 2008, eu fiz o meu primeiro Revisão de Vidas. Aí, lá conheci Deus, tomei a decisão mesmo: nunca mais. Estava com a cabecinha raspada, um cavanhaquezinho de malandro (eu tinha algumas fotos, não sei se teu tenho aqui), as roupas tudo folgado... Aí eu conheci o líder, que era o Amauri Júnior. Ele é muito fera, e está aí até hoje. Ele foi me mostrando o que era certo, e as palavras do Arena foram formando meu caráter, né? Foi formando, foi formando, aos pouquinhos fui mudando. Depois do Revisão, tem a escola, que a gente chama de Instituto de Vencedores, que é o IV. São primeiro, segundo e terceiro módulos, três meses cada um. Eu fiz direitinho todos os três. Lá você aprende várias coisas do mundo espiritual, né, como que é, como funciona, pra você não ficar perdido, né? (João, entrevista realizada em março de 2018)

Com o ciclo da conversão completo, após terminarem o Instituto de Vencedores, eles começam a dar suas próprias células e serem agentes dentro da Sara e convidarem novos membros. A história de vida deles, contudo, continua a acompanhá-los dentro da igreja após convertidos, mas ressignificados. Mateus evoca constantemente nos sermões e nas conversas da igreja o uso de drogas, a ida a festas e os relacionamentos com várias mulheres quando estava fora da SNT para demonstrar o seu potencial de transformação. Todavia, ele não cita o relacionamento com a gangue, as pichações ou as brigas nesses discursos. João também carrega essa vivência para demonstrar o potencial transformador, mas de outra forma. Ele, sendo mais tímido e calado, tem as fotos para referenciar essa sua mudança, e fala mais abertamente sobre seu passado marginal em uma conversa. Ele não se vangloria dessas mudanças, preferia não ter vivenciado o seu passado, e fica feliz que cada vez

adolescentes mais jovens estejam indo para o Arena. Dessa forma, eles estariam próximos da igreja em uma época que ele estava na rua, no “mundão”, e têm menos chances de ir para um caminho que percorreu, em que a prisão ou a morte seriam seu destino

é uma mudança, né? Porque eu, certeza: se eu não tivesse tomado a decisão de ter vindo pra cá, com certeza eu não estaria vivo. Se eu estivesse, minha vida estaria ruim do jeito que estava lá. Porque eles estão lá, né, bebendo; os meninos com um monte de menininho, filhos lá, que nem casamento é, fora do casamento, fora da aliança com Deus... Sei lá, trabalhando em qualquer lugar que não ganhe bem, né? Não sei, não sei como estaria a minha vida não. (João, entrevista realizada em março de 2018)

É interessante e importante notar como João identifica em sua trajetória os caminhos oferecidos aos bandidos: a morte, a prisão ou a conversão; os mesmos encontrados com os interlocutores de Cesar Teixeira (2009), que acabaram trilhando também o caminho da conversão. Ao contrário de Mateus, que vê a sua entrada na igreja como importante e crucial como uma mudança pessoal, João enxerga a morte a prisão como seus únicos caminhos possíveis se tivesse continuado a viver a vida que vivia.

O trabalho de ambos os meus interlocutores hoje na igreja é no caminho de fazer a igreja crescer, chamar novos membros, e o diferencial sendo o arrependimento. Como Carly Machado (2014) observa, o sofrimento ao se arrepender dá condições a passagem ao mundo dos redimíveis

Que quando você está em pecado a gente não pode chegar e falar pra pessoa “você é uma pecadora”. Todos nós erramos, mas a diferença está em quem se arrepende e quem não se arrepende e acha que aquilo é o certo e leva aquilo. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Com o arrependimento, os ritos e passagens que eles passam na igreja, há uma dificuldade nos rompimentos e continuidades das identidades. Dentro da igreja, para além de usarem seu passado como demonstração da força da conversão, tive a oportunidade de ver testemunhos em que, em tom de brincadeira, falavam de um membro que era “bandido da pesada” e ironizavam que o comportamento dos membros com ele passou a ser diferente a partir do conhecimento desse passado. Todavia, dentro da igreja há um entendimento de que, após a conversão, se afastaram significativamente da vida marginal, não são mais bandidos. Fora da igreja, por outro lado, o livramento do rotulo de ‘bandido’ não é um caminho fácil.

No início da entrevista com Mateus, por exemplo, ele fica preocupado em dividir coisas do seu passado, pois tem muito amigos policiais que não entenderiam que essa sua vivência ficou no passado. Dentro da sua família também houve um processo de aceitação na mudança do Mateus, principalmente com relação ao seu pai:

Quando ele foi embora, ele achava que eu tinha continuado o mesmo Mateus. Que, por sinal, o “deixar aqui em Brasília o Mateus” foi como se fosse tirar um peso dele, porque, realmente, eu dava

muito trabalho. Era muito custoso, assim. E ele pensou assim: “esse aí não tem jeito”. E, de fato, não era. Quando você entrega a sua vida pra deus você muda tudo.[...] Então, assim, com meu pai teve uma coisa engraçada, que ele... Lá em Natal eu dei um testemunho, eu dei um testemunho aqui em Brasília, que o bispo chamou, que por sinal ajudou muitas famílias. Que, quando Deus tinha me mudado, não mudou simplesmente meu exterior; mudou internamente, meu psicológico, minha mente mudou, meu coração, a forma de pensar, de agir, de falar, a paz... Então, assim, meu pai estava... Meu irmão viu lá em Natal, gravou na televisão, mostrou pro meu pai, e um dia fui visitar o meu pai, e ele não acreditava que era eu. “É você mesmo aqui?” “Pô, saí de Brasília, você já tinha sido preso, e tal”. Ele tinha ido me buscar na delegacia, e me vendo lá de terno e gravata, dando um testemunho que deus mudou a minha vida! Pra ele, ele não conhecia nem deus, nem sabia, nem... Então, assim, pra ele foi impactante também. E vendo também a mudança do meu irmão, da minha irmã, todo mundo lá em Natal, ele ficou fascinado também, né? (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Um fator importante na contribuição da identificação dessa mudança, tanto internamente a igreja quanto fora dela, é a ascensão social. A vida financeira dos membros é algo que a Sara dá importância, e o sucesso profissional e financeiro tende a mostrar a mudança. Lá não existem grandes celebridades do tráfico, por exemplo, que tinham grandes quantias em dinheiro antes de entrar pra igreja. Dessa forma, quando terminam os estudos, ou começam a trabalhar em algum setor do governo, a mudança passa a ser mais crível para a comunidade, como João identifica na sua caminhada

Mas, quando eu entrei aqui, eu não tinha estudo. Eu tinha parado de estudar com 16 anos. Eu terminei os estudos, comecei a fazer faculdade de Administração. Dei uma parada, não gostei. Estou querendo ir pro lado de Educação Física, que eu gosto também [...] Você tem, tipo, você tinha comportamentos ruins, de beber, de briga, não sei o que, o exemplo meu, usar droga, e agora eu tenho um padrão diferente. Agora eu estudo, eu trabalho direitinho, na minha vida profissional, o que eu vou fazer, peço pra Deus abrir as portas, ir na frente. É bem melhor, entendeu, do que eu ir sair na doida, fazer isso, fazer aquilo... (João, entrevista realizada em março de 2018)

A passagem de ‘bandido’ a convertido acompanha a mudança de ‘bandido’ a trabalhador, as duas figuras importantes e contrastantes da rua (DaMatta, 1997). O trabalho aqui relacionado com ascensão social, principalmente. João começou trabalhando como porteiro, passou a motorista executivo de um Ministério do executivo federal e, à época da nossa entrevista, estava montando um comércio com seu irmão. Mateus também fala da sua experiência profissional como um fator importante das mudanças que ocorreram na sua vida a partir da conversão, e hoje trabalha na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

A mudança material acompanha a mudança nas vivências também com as famílias. As famílias de ambos os meus interlocutores se aproximaram da igreja com a sua conversão, e sua vida financeira também melhorou, como João faz questão de ressaltar:

[Meu pai] Era muito agressivo, ignorante, e essas coisas ele parou, ficou mais tranquilo. Ele está indo, assim. Ele não é igual eu, minha mãe e meus irmãos, mas ele vai, ele frequenta. Hoje, minha casa é tudo na cerâmica, na casa do meu pai; é grande. Meu irmão abriu uma loja, virou empresário. Ele passou a franquia pro meu pai, meu pai abriu a loja. A casa está gigante, tudo bonitinho. Eles têm tudo, né? E se você chegar lá é outra casa; é tudo na cerâmica branquinha, aquela casa que tem

aquele sofá que você sente confortável. Então, você sente paz. Antigamente, era tudo feio, sujo, fedendo a bebida, vômito, essas coisas. (João, entrevista realizada em março de 2018)

Com o ciclo de conversão dos meus interlocutores finalizados, eles dão início a essas mudanças na vida de outras pessoas. Começando com a família, indo para as antigas amizades e alcançando as pessoas do convívio deles, o convite para ir para a igreja é constante,

Já tem um ano que eu dou a célula lá com os meninos. Abri lá, né, comecei a chamar de um por um, convidar, tal, fui pra rua. Falei do Arena, falei da maneira legal que a gente vive aqui, de receber a palavra, que é tipo, às vezes, “ah, é bitolado”, “ah, é negócio de crente”, não sei o quê. Eu falei: não, véio; é uma maneira divertida de você receber a palavra, você ser ministrado e você ter uma mudança de vida, né? É uma maneira bem legal, bem divertida, onde a gente se diverte, conhece várias pessoas, cria laços, até de família, né? Eu costumo dizer muito que isso aqui é a minha segunda família. Minha família é meus pais, minha irmã e meus irmãos, e aqui é a minha segunda família também. Já tem nove anos que eu estou aqui. (João, entrevista realizada em março de 2018)

O convite se estendeu até mim durante a entrevista com Mateus, em que ele fez questão de reforçar os convites para eu participar do Revisão de Vidas

E eu vou ser mais ousado. Por sinal, eu seria negligente, seria uma negligência da minha parte... Negligência e seria egoísmo da minha parte ter provado o que eu provei e não te convidar, entendeu? Porque eu sei que, se você for, mesmo pra você fazer uma pesquisa, ou só pra conhecer, você vai ter um entendimento real e espiritual do negócio, entendeu? E você vai saber que não é algo que vai te trazer nenhum malefício; pelo contrário, só benefício. E ainda vai te ajudar nisso aqui. Eu tenho certeza. E ainda falo mais: pela sua influência, pelo nível que você vai estar, onde você vai estar, vai ser mais fácil de você usar isso, de tudo o que você introduziu ali, entendeu? Nem que você arranque a cabeça do Lucas, ou dê uma surra nele, (risos) não deixa eu faltar ao revisão de vidas. (Mateus, entrevista realizada em março de 2018)

Julguei poder ser interessante a vivência no Revisão de Vidas como campo etnográfico, mas pelo tempo que tinha disponível e pela margem de dúvida da minha colocação nos espaços que não consegui me livrar completamente, pois como a multiplicação é um dos fatores de base da igreja, o convite constante é uma marca (por mais claro que eu tentasse deixar os meus propósitos ao frequentar as atividades).

Conclusão

A tentativa de ‘deixar de ser bandido’ é uma tarefa complexa, difícil e que articula em si diversos fatores. Como algo que pode ser considerado como indissociável da alma da pessoa (Misse,2010), é compreensível que o caminho da religião, especialmente da vertente neopentecostal, se mostre como uma trilha a se seguir.

A desagregação com o “mundão”, seguida por um período de tentativas de “firmar” na igreja em que se ocupa um lugar liminar, seguido da reagregação enquanto fiel da igreja é um caminho possível na Sara Nossa Terra para aqueles jovens que podem ser enquadrados enquanto ‘bandidos’.

Meus interlocutores seguiram nesse caminho e conseguiram se livrar do rótulo de bandido. Mateus, em consonância com suas pregações, é lembrado pelo prévio abuso de drogas e vida intensa com várias mulheres, coisas que ficam claras em relação ao passado. O seu perfil tem um potencial maior de trazer outros jovens do Plano Piloto, por exemplo. João também conseguiu desassociar o seu ‘eu’ de hoje com a sua *persona* do passado. Apesar de haver momentos em que essas histórias são resgatadas, sobre seus antigos comportamentos e vestimentas, são feitas muitas vezes em tom jocoso, e são utilizadas para mobilizar outros jovens de periferia com uma trajetória semelhante.

Esse ciclo de novas conversões, a burocracia que envolve a Sara Nossa Terra também parece ser um ponto forte na trajetória de meus interlocutores. A possibilidade de avançar nos níveis hierárquicos dos quais é composta a igreja, juntamente com metas e responsabilidades foi algo que saltou como forma de permanência na comunidade, além, claro, da linguagem (musical, visual) que cerca o Arena Jovem.

Ainda que não seja tarefa simples, e nem seja o intuito do presente trabalho, fechar alguma espécie de veredicto sobre o êxito ou não da ‘passagem’, acho importantes algumas reflexões sobre o perfil dos meus entrevistados. A depender do contexto e dos prismas analisados, o perfil de Mateus e João pode ou não ser enquadrado como “bandido”, ou “ex-bandido” após a conversão. Ambos são brancos, com condutas que margearam a lei, mas é questionável que ambos tenham vivenciado a sujeição criminal (Misse, 2010). Nesse sentido João se aproxima mais desse ‘tipo ideal’, enquanto Mateus apresenta um maior distanciamento. Todavia, é importante ressaltar que a comunidade que frequentam, membros da Sara Nossa Terra identificam neles figuras de ‘ex-bandidos’. As vivências de ambos, para aquele espaço, fazem sentido nessa categoria.

A dificuldade de crença na mudança deles fora do espaço da igreja, porém, é outro dado importante de se ressaltar. Assim como João e Mateus vivenciaram uma desconfiança quando seus antigos amigos retornaram “transformados”, eles ainda vivenciam essa desconfiança em alguns espaços. Acredito que há sim uma divisão forte, marcada, da passagem de estágios que eles passaram para os crentes dessa mudança, mas a transformação não necessariamente atinge outros espaços sociais, sendo questionável a dissociação de fato ou não do rótulo de ‘bandido’.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carla Coelho. Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Brasília, tese de doutorado, Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Antropologia da UnB, 2007.
- CAROZZI, Maria Júlia. Tendência no estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina: Os últimos 20 anos. BIB – Boletim Informativo Bibliográfico, Rio de Janeiro, n.37, p. 61-78, 1994.
- CUNHA, Christina Vital da. Religião e criminalidade: traficantes e evangélicos entre os anos 1980 e 2000 nas favelas cariocas. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 61-93, junho 2014.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6a. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- DIAS, Camila. A Igreja como Refúgio e a Bíblia como Esconderijo: Religião e Violência na Prisão. São Paulo, Humanitas, 2008.
- IBGE, Microdados dos censos demográficos. 1991, 2000, 2010.
- INVICTUS. Direção: Clint Eastwood. Estados Unidos: Revelations Entertainment, 2009 [produção]. 1 DVD (133 min), NTSC, color.
- FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira França. Criminalidade e prisão feminina: uma análise da questão de gênero. In: Rev. Ártemis. vol. XVIII n.1. jul/dez 2012.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994
- GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 1, v. 21, pp. 87-120, 2001.
- GOMES, Elias E. Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “vem, você vai gostar!”. 2010. 190 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- MACHADO, Carly Barboza. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 153-180, Dez. 2014.
- SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, junho, 2004.

- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, Dez. 2004.
- _____, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 24, v. 2, 2013, pp. 119-137.
- MARIZ, Cecília. "A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia". *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 47:33-48, 1999.
- MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro* [Tese de Doutorado em Sociologia]. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciências Políticas do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ/UCAM, 1999.
- _____, Michel. Crime, Sujeito e Sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria 'bandido'. *Revista Lua Nova*, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, n. 1, v. 3, 2001, pp. 071-085.
- PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003
- PEIXOTO, Elane Ribeiro; Peres, Janaina L. P.; Batista, Marina O. V.; Waldvogel, Alana S. O rap da Ceilândia, em XVII Enanpur [Anais], ST 6.2 São Paulo: 1-20, 2017.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013*. http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/22956. Acesso em 10 de agosto de 2018.
- RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- SARA NOSSA TERRA. História do Sara. Disponível em: <http://saranossaterra.com.br/historia-da-sara/>. Acesso em 20 de maio de 2018.
- TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. *A Construção Social do "Ex-Bandido" – Um Estudo sobre Sujeição Criminal e Pentecostalismo*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- WHYTE, William Foote. 2005. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 390pp, 2005.

Anexos:

Anexo 1: Roteiro das entrevistas

Como é sua vida hoje dentro da igreja? O que você faz?

Como foi sua trajetória antes de entrar? Muito diferente?

Como se aproximou da igreja? O que fez você entrar?

Alguma coisa aconteceu? Externa? Interna?

Como foi “entrar pra igreja”?

O que mais gostou?

O que foi mais difícil

Você mantém os amigos de antes?

Quem são os seus amigos hoje?

Como lida com os amigos de antes?

E a sua família? São da igreja?

Me conte como é sua vida hoje, e no que ela é diferente da vida de antes